



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

THAYZA MIRELA OLIVEIRA AMARAL

**PERCEPÇÃO DE ENFERMEIROS EMPREENDEDORES SOBRE COMPETÊNCIAS
NECESSÁRIAS PARA EMPREENDER NA ENFERMAGEM**

BELÉM

2022

THAYZA MIRELA OLIVEIRA AMARAL

**PERCEPÇÃO DE ENFERMEIROS EMPREENDEDORES SOBRE COMPETÊNCIAS
NECESSÁRIAS PARA EMPREENDER NA ENFERMAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem, da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Linha de Pesquisa: Educação, Formação e Gestão para a Práxis do Cuidado em Saúde e Enfermagem no Contexto Amazônico.

Orientadora: Prof^a Dr^a Joughanna do Carmo Menegaz.

Co-orientador: Prof^o Dr^o José Luís Guedes dos Santos.

BELÉM

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

A485p AMARAL, THAYZA MIRELA OLIVEIRA.
PERCEPÇÃO DE ENFERMEIROS EMPREENDEDORES
SOBRE COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS PARA
EMPREENDER NA ENFERMAGEM / THAYZA MIRELA
OLIVEIRA AMARAL. — 2022.
89 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Joughanna do Carmo Menegaz
Coorientador(a): Prof. Dr. José Luís Guedes dos Santos
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem, Belém, 2022.

1. Enfermagem. 2. Empreendedorismo. 3. Competência
Profissional. I. Título.

CDD 610.73071

THAYZA MIRELA OLIVEIRA AMARAL

**PERCEPÇÃO DE ENFERMEIROS EMPREENDEDORES SOBRE COMPETÊNCIAS
NECESSÁRIAS PARA EMPREENDER NA ENFERMAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem, da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Data da aprovação: 01/08/2022

Conceito: Excelente

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Joughanna do Carmo Menegaz
(Orientadora – PPGENF/Universidade Federal do Pará)

Prof.^o Dr.^o José Luís Guedes dos Santos
(Co-orientador - PPGENF/Universidade Federal de Santa Catarina)

Prof.^a Dr.^a Glenda Roberta Oliveira Naiff Ferreira
(Membro – PPGENF/Universidade Federal do Pará)

Prof.^o Dr.^o Alexandre Pazetto Balsanelli
(Membro – Pós-graduação na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/Universidade Federal de São Paulo)

Prof.^o Dr.^o William Campo Meschial
(Membro – Escola de Enfermagem/Universidade do Estado de Santa Catarina)

BELÉM

2022

Aos meus amados avós, Luíz e
Ocinéia Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Eu finalizei a graduação com a certeza de que queria seguir no mestrado. Mas eu confesso que essa certeza não durou muito tempo. A Pandemia da Covid-19 afetou a todos, e por um período tudo ficou mais difícil e solitário. Em contrapartida, ela também me proporcionou oportunidades profissionais. E foi nesse momento que a minha certeza de seguir no mestrado foi ferida.

Trabalhar e estudar ao mesmo tempo não é uma tarefa fácil. Em muitos momentos, eu considerei desistir do mestrado, achei que tinha feito uma escolha certa no momento errado, e me vi várias vezes em conflito comigo mesma para me adequar a nova vida que eu comecei a ter. Por isso, eu acho justo dar reconhecimento a minha persistência em seguir com a minha escolha, por acreditar que apesar de todas as dificuldades, o meu esforço iria me levar a conquistar o que eu queria desde o início. E felizmente me levou.

Essa conquista também é possível graças a minha orientadora, Jouhanna Menegaz, que desde a graduação acreditou no meu potencial (até quando eu mesma não acreditei) e me guiou até aqui. Sou grata por cada reunião, cada orientação, cada conversa, que contribuiu para a minha construção como profissional. Foi muito bonito ver que ao longo dessa caminhada, tive a sorte de ter uma orientadora tão dedicada, atenciosa e apaixonada pelo seu trabalho. Agradeço também pela amizade construída nesses anos, por todo acolhimento, carinho e apoio. Desejo muita felicidade a você, e que possamos compartilhar ainda muitos outros momentos.

Agradeço a minha noiva e melhor amiga, Thais Aleixo, por todo o amor, cuidado e parceria nesses anos juntas. Você esteve comigo nos melhores dias, e também nos piores, me oferecendo sua escuta, ajuda e acolhimento. Obrigada por acreditar em mim, por me incentivar e por ser meu amparo em tantos momentos. Ressalto aqui que é precioso para mim dividir o dia a dia com você, é confortante olhar para o lado e ver uma companheira tão amorosa, forte, bondosa. E além disso tudo, ver uma profissional competente e que busca sempre ser melhor naquilo que se propõe a fazer. Para você, todo o meu amor, respeito e admiração.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, sou grata por todos os momentos e experiências juntos. Cada um, a sua maneira, me ajudou e tornou essa caminhada mais leve. Agradeço também aos meus colegas de mestrado e ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Pará, por todas as vivências e ensinamentos.

Por fim, agradeço aos participantes desse estudo, que foram fundamentais para a construção desse trabalho. Conhecer as vivências desses enfermeiros empreendedores de negócios também me transformou como enfermeira, estimulou em mim vários questionamentos como profissional e fortaleceu o meu interesse em seguir pesquisando sobre o tema.

RESUMO

Introdução: Competência está ligada ao saber e fazer com qualidade. Desenvolver competências demanda interagir no âmbito em que se realiza o trabalho, para resultar em um pleno exercício da profissão. Este estudo possui o objetivo de analisar as percepções de enfermeiros empreendedores de negócios sobre as competências necessárias para empreender na enfermagem. **Método:** Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, derivado de um macroprojeto intitulado “Enfermeiros empreendedores de negócios no Brasil: mercado de trabalho e formação”. Os participantes foram enfermeiros empreendedores de negócios, com tempo de atuação igual ou superior a 42 meses. Os critérios de seleção foram: (1) ser enfermeiro; (2) ter respondido a Fase 1 do macroprojeto; (3) ter atividade empreendedora atual ou anterior de pelo menos 42 meses. Para exclusão, foram: (1) enfermeiros em atuação empreendedora não relacionada ao trabalho de enfermagem e (2) afastados da atividade empreendedora por qualquer motivo. A coleta de dados foi realizada no período de julho a outubro de 2021, através de uma videochamada ou envio das respostas pelo *Whatsapp*. Para a análise dos dados qualitativos, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin, além do uso do *software* IRaMuTeq. **Resultados:** Verificou-se no *corpus* textual, que o *software* reconheceu 200 textos, obteve 467 segmentos de texto, reclassificou-os em 14.619 ocorrências e 2.410 formas, além de 1.281 hápax. O Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente gerado conteve quatro classes envolvendo os seguintes pontos: conceitos envolvendo empreendedorismo e competência, competências empreendedoras, desenvolvimento de competências empreendedoras em estudantes de enfermagem, além de desafios enfrentado por enfermeiros que empreendem. **Conclusão:** Através deste estudo, foi possível conhecer a perspectiva de enfermeiros empreendedores a respeito de competências utilizadas em sua prática. Conhecer este processo não apenas fortalece a prática empreendedora na enfermagem, como também é um meio para expandir o empreendedorismo tanto nos espaços de formação quanto nos meios laborais.

Palavras-chaves: Enfermagem. Empreendedorismo. Competência Profissional.

ABSTRACT

Introduction: Competence is linked to knowing and doing with quality. The development of competences does not require interaction in which the work is carried out, to result in the full exercise of the profession. This study has studies on the management of entrepreneurs as a competence to undertake. **Method:** This is a study with a qualitative approach, derived from a macro-project entitled “Business Entrepreneurs Nurses in Brazil: Labor Market and Training”. The participants were business entrepreneurs nurses, with a working time of 42 months or more. The selection criteria were: (1) being a nurse; (2) have responded to Phase 1 of the macroproject; (3) have current or previous entrepreneurial activity for at least 42 months. For exclusion, there were: (1) nurses working in an entrepreneur not related to nursing work (2) away from the activity for any reason. The October collection was carried out in the period from July to October 2021, through a video call or sending the answers by *Whatsapp*. For qualitative data analysis, Bardin's content analysis was used, in addition to the use of the IRaMuTeq software. **Results:** It was verified textual, that the software did not create 200 texts, obtained 67 text segments, reclassified them in 14,619 occurrences and 2,410 forms, in addition to 1,21 hapax. Entrepreneurs and Entrepreneurs of Skills, Entrepreneurs and Entrepreneurs Developing Competencies in Entrepreneurs and Entrepreneurs of Nursing, as well as Challenges in Entrepreneurs and Entrepreneurs by Entrepreneurs of Nursing. **Conclusion:** Through this, it was possible to know the perspective of entrepreneurial scholars regarding the skills used in their practice. Knowing this process not only strengthens the entrepreneurial practice in nursing, but is also a means to expand entrepreneurship both in training spaces and in work environments.

Key-words: Nursing. Entrepreneurship. Professional Competence.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – Conceitos do empreendedorismo através da linha do tempo	21
Figura 2 – Tipos de empreendedores.....	24
Figura 3 – Habilidades do empreendedor de negócios.....	28
Figura 4 – O perfil profissional e as competências e habilidades abordadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem	32
Figura 5 – As três dimensões da Competência.....	33
Figura 6 – Construção do profissionalismo	37
Figura 7 – Etapas da coleta de dados do macroprojeto.	42
Figura 8 – Quantitativos de participantes durante as Fase 1 e Fase 2.	44
Figura 9 – Segundo Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente com a classificação do conteúdo do <i>corpus</i>	51
Figura 10 – Análise Fatorial de Correspondência das palavras ativas mais frequentes em cada classe lexical obtida através da classificação hierárquica descendente	52

LISTA DE TABELAS

Quadro 1	Principais características das escolas sobre o empreendedorismo	21
Quadro 2	Proposta de Le Boterf para o desenvolvimento de competências nas organizações	36
Quadro 3	Comandos utilizados na organização dos textos	43
Quadro 4	Caracterização dos participantes do estudo	45
Quadro 5	Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente com a classificação do conteúdo do <i>corpus</i>	46
Quadro 6	Formas comuns e suas frequências relativas: motivos para a escolha da profissão	49
Quadro 7	Formas comuns e suas frequências relativas: experiência profissional antes de empreender	50
Quadro 8	Formas comuns e suas frequências relativas: motivação para empreender na Enfermagem	51
Quadro 9	Formas comuns e suas frequências relativas: desafios e momentos de êxito	52
Quadro 10	Formas comuns e suas frequências relativas: compreensão acerca de competência	53
Quadro 11	Formas comuns e suas frequências relativas: competências fundamentais para empreender	54
Quadro 12	Formas comuns e suas frequências relativas: competências para consolidar um negócio	55
Quadro 13	Formas comuns e suas frequências relativas: competências para consolidar um negócio	56
Quadro 14	Formas comuns e suas frequências relativas: ranking de competências para empreender na Enfermagem	57
Quadro 15	Formas comuns e suas frequências relativas: compreensão acerca de empreender na Enfermagem	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
AFC	Análise Fatorial de Correspondência
CEEEnf	Comissão de Especialistas de Ensino de Enfermagem
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENANDEn	Seminário Nacional de Diretrizes para a Educação em Enfermagem
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. OBJETIVO	19
2.1. GERAL.....	19
2.2. ESPECÍFICOS	19
3. REVISÃO DE LITERATURA	20
3.1. O FENÔMENO CHAMADO EMPREENDEDORISMO	20
3.2. CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS	22
3.3. INOVAÇÃO NA SAÚDE E EMPREENDEDORISMO NA ENFERMAGEM	25
4. REFERENCIAL TEÓRICO	36
4.1. GUY LE BOTERF	36
4.2. CONCEITOS UTILIZADOS NO ÂMBITO DA COMPETÊNCIA	36
4.2.1. RECURSOS DISPONÍVEIS.....	38
4.2.2 PRÁTICAS PROFISSIONAIS E RESULTADOS OBTIDOS	39
4.2.3. O DISTANCIAMENTO OU A REFLEXIVIDADE	39
5. MÉTODO	41
5.1. SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES	42
5.2. COLETA DE DADOS	43
5.3. ANÁLISE DE DADOS	44
5.4 ASPECTOS ÉTICOS	46
6. RESULTADOS	48
7. DISCUSSÃO	66
8. CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	80
APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA ESTRUTURADA	83
ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA	84

1. INTRODUÇÃO

A enfermagem é uma profissão que possui compreensão das necessidades do ser humano de forma integral e contextualizada, dispondo potencial e oportunidades para explorar novos espaços sociais, não estando apenas restrita aos espaços tradicionais de cuidados. Sendo assim, a enfermagem pode atuar em distintas frentes, possuindo portanto, potencial para empreender (MORAIS et. al., 2013).

Entrepreneurship, na língua inglesa, advém de *entreprendre*, que surgiu na França durante o século XVII. A história também evidencia que durante o século XVIII e XIX, os pensadores econômicos defensores do liberalismo econômico, defendiam que a ação da economia demandava das forças livres do mercado e da concorrência. Neste período, o empreendedor era visto como o indivíduo que assumia a risco de criar um novo negócio (CHIAVENATO, 2007; LEITE, 2012).

Em meados de 1930, o economista e cientista político Joseph Schumpeter, afirmava que os empreendedores entram em um processo de “destruição criativa”. Esse processo consiste em romper com velhos hábitos a fim de gerar novas respostas as demandas do mercado. Ou seja, o empreendedor cria situações a fim de mudanças benéficas (LEITE, 2012).

Em 1961, David McClelland definiu o empreendedor como um indivíduo que exerce controle sobre os meios de distribuição e produz mais do que pode consumir, com o intuito de vender ou trocar o produtor, para obter uma renda individual (MCCLELLAND, 1961).

Na década de 1990, Peter Drucker afirmou que o empreendedor é alguém que investe dinheiro com uma nova capacidade de produzir riqueza. Um indivíduo que cria e desenvolve um negócio (DRUCKER, 1997). Drucker afirmava que o empreendedor de sucesso deveria possuir foco e disciplina, e estas características poderiam ser aprendidas (LEITE, 2012).

Atualmente, na área da saúde, o termo “empreendedorismo” está mais relacionado a capacidade desenvolvida para realizar ações tanto no âmbito da gestão como na assistência, para criar e aperfeiçoar projetos, serviços e negócios (COPELLI; EDRMANN; SANTOS, 2019; TOSSINI et. al., 2017).

Percebe-se então que há diferentes compreensões acerca do empreendedorismo, e neste trabalho adota-se a perspectiva de trabalhar o empreendedorismo de negócio, vertente que está se ampliando na área da enfermagem (MORAIS et. al., 2018). O empreendedorismo de negócio possibilita aumentar a capacidade de integração ao mercado de trabalho, desenvolver

competências e agregar valor econômico e social a sociedade (NU.CEPAL; OCDE; CAF, 2018).

Na área da enfermagem, o enfermeiro é reconhecido como profissional liberal desde 3 de setembro de 1946 (SANTOS, et.al., 2006). Todavia, o empreendedorismo ganhou corpo na enfermagem recentemente, em especial a partir de fevereiro de 2018, quando o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) aprova o regulamento dos consultórios e clínicas de enfermagem através da Resolução nº 0568/2018. Esta norma estabelece marcos importantes para assegurar a qualidade do serviço de enfermagem prestado, além de regulamentar a ação autônoma do enfermeiro, ampliando o atendimento à clientela no âmbito individual, coletivo e domiciliar (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 2018).

A ampliação do campo de atuação do enfermeiro ocorreu novamente em 2022, onde o COFEN instituiu a concessão de Anotação de Responsabilidade Técnica nos Serviços de Enfermagem prestados de forma liberal por enfermeiros na condição de pessoa física ou jurídica, por meio da Resolução nº 685/2022. Através desta resolução, a prática do enfermeiro está comprovada em um documento legal, onde é possível apresentar os responsáveis técnicos legais que irão realizar ou prestar serviços, além de garantir o acerto técnico profissional do enfermeiro, comprovando sua experiência a partir do registro de todas as atividades realizadas (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 2022).

A pesquisa Perfil de Enfermagem (BRASIL, 2013), apontou que de 601.052 enfermeiros apenas 8.030 (1,3%) atuam como liberais. Em um outro estudo que compara o empreendedorismo na enfermagem com outras profissões da saúde, de 12.068 empresas, 6% (741) são da área de enfermagem (COLICHI, 2018). Ainda são poucos os enfermeiros empreendedores, e baixo incentivo. Isto pode sinalizar que a categoria tem pouca tradição em atuar como profissional liberal, e muito mais como assalariada, além de demonstrar a profissão possui atividade institucionalizada, com forte inserção nas estruturas formais de emprego.

Já no campo do ensino da Enfermagem, os cursos de graduação são baseados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Enfermagem, com parecer nº 1.133/2001 aprovado em 07 de agosto de 2001, publicado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e o Ministério da Educação e Cultura (MEC). As diretrizes apresentam um conjunto de competências e habilidades que devem ser desenvolvidas nos estudantes, sendo as competências gerais: atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, liderança, educação permanente e administração e gerenciamento. Em especial, nesta última competência citada

anteriormente, a diretriz disserta que o profissional de enfermagem deve estar capacitado para ser empreendedor, gestor, ou líder na equipe de saúde (BRASIL, 2001).

Sendo mais uma maneira de ampliar a discussão a respeito do ensino em Enfermagem, em 2016, o Seminário Nacional de Diretrizes para a Educação em Enfermagem (SENANDEn) discutiu as até então recentes resoluções lançadas pelo COFEN, que ampliaram o escopo da prática de enfermagem, como por exemplo a enfermagem estética e dermatológica. Esses debates e as novas resoluções impulsionaram muitas escolas a revisar seus currículos e inserir disciplinas relacionadas ao empreendedorismo.

Um importante passo dado recentemente pelo CNS (Conselho Nacional de Saúde) que envolve o ensino do empreendedorismo foi a resolução CNS nº 573 que aprova o Parecer Técnico nº 28/2018. Essa resolução contém recomendações do CNS à proposta de Diretrizes Curricular Nacionais para os cursos de graduação em Enfermagem, e aborda de maneira explícita o empreendedorismo como um dos temas transversais a ser trabalhado na formação, dentro do âmbito da gestão e gerenciamento.

Apesar de o empreendedorismo constar como um dos tópicos a ser trabalhado dentro de uma das competências propostas em 2001 pelas Diretrizes Curricular Nacionais (BRASIL 2001), ainda é sutil e gradativo o crescimento do assunto dentro dos espaços de formação em enfermagem, desde a formação acadêmica até a pós-graduação. Como um meio de potencializar o ensino e ganhar novos espaços, alguns programas inseriram disciplinas ou incubadoras relacionadas ao empreendedorismo.

Desde julho de 2020, a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, oferta a disciplina “Inovação e Empreendedorismo em Saúde e Enfermagem” com carga horária de 30 horas. Esta disciplina tem o objetivo de que o aluno compreenda os conceitos e as abordagens fundamentais relacionadas à inovação e ao empreendedorismo, e potencialize o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes que contribuam na identificação de problemas e soluções inovadoras no âmbito da assistência, gestão e educação em saúde e enfermagem.

A Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal do Pará (UFPA) também modificou o seu projeto pedagógico do curso de bacharelado em Enfermagem, e desde fevereiro de 2021 a atividade curricular “Empreendedorismo e Inovação em Saúde” está inserida no núcleo de Gestão e Gerência do Cuidado e dos Serviços em Enfermagem do curso, com carga horária de 90 horas.

Em um estudo realizado com professores de universidades públicas e privadas da Espanha e América Latina, sinalizou que os currículos precisam manifestar pensamento crítico reflexivo para o desenvolvimento de competências e habilidades para auxiliar na tomada de decisão, sendo o empreendedorismo uma dessas reflexões (ALBISUA et al., 2018). Nesse sentido, alguns estudos internacionais na área da enfermagem vêm investigando tendências de empreendedorismo nos estudantes (BODUR, 2018; ISPIR; ELIBOLB; SÖNMEZA, 2019). Porém, tanto a literatura internacional quanto a brasileira carecem de estudos que analisem a abordagem do tema empreendedorismo nos cursos de graduação em enfermagem.

Meu interesse pelo tema surgiu na graduação, a partir da inserção como bolsista no projeto “Ação e Raciocínio Pedagógico de Professores de Universidades Públicas em Áreas do Conhecimento de Enfermagem”. Este projeto investigava professores dos cursos de graduação em enfermagem de universidades públicas federais, especialistas em uma das sete subáreas do conhecimento propostas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com o objetivo de analisar a ação e raciocínio pedagógico dos docentes, considerando os conceitos de Lee Shulman sobre fontes, conhecimento base e modelo de ação e raciocínio pedagógico.

O estudo foi realizado através de rodadas. Na segunda rodada, foram listados os conteúdos específicos da subárea e solicitado que selecionassem os que consideram importantes na formação do enfermeiro, assim como, os que sentem domínio para ensinar. 91,67% dos especialistas em enfermagem na gestão e gerenciamento elegeu o Empreendedorismo como conteúdo necessário para a enfermagem, entretanto, apenas 33,33% acreditava ser capaz de ministra-lo. A partir desta problemática, desenvolvi meu trabalho de conclusão de curso.

Dentre os resultados, os participantes consensuaram algumas competências e habilidades empreendedoras: comunicação, conhecimento de mercado, criatividade, liderança, planejamento e tomada de decisão. E para desenvolver essas competências, os professores consideraram como vantajosos os projetos de pesquisa e extensão, e disciplinas de caráter prático com estágios supervisionados em empresas Junior e/ou ligas acadêmicas (AMARAL, 2019).

A partir da análise desses resultados, percebeu-se que muitas dessas competências e habilidades citadas pelos participantes, estavam relacionadas a competências da área da gestão e gerência do trabalho em enfermagem. Ou seja, ao que tudo indicava, não havia diferença (AMARAL, 2019).

Deste estudo surgiu a curiosidade em buscar identificar e compreender quais fatores foram fundamentais para os enfermeiros empreenderem, e chocar as informações coletadas com os dados dos professores que trabalham com o empreendedorismo. Com isso, será possível verificar se a formação em enfermagem e o perfil dos enfermeiros no mercado de trabalho estão em concordância.

O presente estudo está inserido na linha de pesquisa intitulada “Educação, Formação e Gestão para a práxis do Cuidados em Saúde e Enfermagem no Contexto Amazônico”, do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Pará.

O domínio de algumas áreas do conhecimento é fundamental para desenvolver o potencial do enfermeiro em sua prática, na produção de novas possibilidades de renda e na construção de novos paradigmas. Isso pode mudar o atual cenário da enfermagem, e ser um meio para potencializar sua prática e agregar mais qualidade nos sistemas de saúde. Ou seja, o empreendedorismo além de adicionar um novo formato a produção de novos serviços, também é, por si só, uma opção de carreira, possibilitando o enfermeiro a vender seus serviços e a inovar em sua atuação profissional (POLAKIEWICZ et. al., 2013).

As crescentes mudanças no mercado de trabalho têm levantado aspectos importantes em relação a formação dos profissionais de enfermagem. As universidades possuem papel importante nesse processo, enquanto formadora de opinião, para possibilitar mudanças significativas na prática profissional. Para que isso ocorra, é necessário que o que se ensina nos espaços de formação dialogue com as demandas do mercado. Sendo assim, surge a questão: *qual a entendimento de enfermeiros empreendedores sobre competências necessárias para empreender na enfermagem?*

2. OBJETIVOS

2.1. Geral

Analisar as percepções de enfermeiros empreendedores sobre as competências necessárias ao enfermeiro para a abertura e manutenção de negócios de enfermagem.

2.2. Específicos

Identificar as competências adquiridas na formação curricular e extracurricular que foram utilizadas para empreender;

Conhecer os fatores que motivaram os enfermeiros a empreender;

Identificar a compreensão dos enfermeiros empreendedores sobre competência;

Conhecer as estratégias apontadas pelos enfermeiros para o desenvolvimento de competências empreendedoras na formação acadêmica.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Esta seção foi estruturada sobre o enfoque de três pontos: construir um panorama geral sobre o empreendedorismo, identificar as características que fazem o indivíduo ser um empreendedor e elucidar como o empreendedorismo se caracteriza na área da saúde e da enfermagem. Para isso, não foram estabelecidos critérios explícitos e sistemáticos para a busca dos estudos sobre as temáticas.

3.1. O fenômeno chamado Empreendedorismo

Historicamente, é possível considerar como o primeiro empreendedor o mercador Marco Polo. Em meados do século XIII, atravessou diversos países junto ao seu pai e tio, estabelecendo transações comerciais e firmando parcerias econômicas. Isto ocorreu graças a um homem proprietário de bens, que a fim de vender os seus produtos, assinou um contrato com Marco Polo para que o mesmo vendesse. Nos dias atuais, com o capitalismo e os sujeitos nesse processo, é possível compreender que na época de Marco Polo, o capitalista era o indivíduo que empreendia de maneira passiva, enquanto o empreendedor de fato possuía papel ativo, se expondo aos riscos físicos, financeiros e emocionais (DORNELAS, 2016).

A revolução tecnológica que ocorreu no século XX ocasionou diversas mudanças econômicas e industriais ao redor do mundo. Além disso, e não menos importante, houve também as mudanças tecnológicas subjacentes nos setores econômicos, de produção, distribuição e concorrência (LEITE, 2012).

A inovação está em crescente aceleração. Por exemplo, Leite (2012) afirma que a quantidade de conhecimento científico adquirido na última década ultrapassa todas as descobertas feitas anteriormente na História humana. A cada 18 meses, expande a capacidade operacional dos computadores, e a cada 12 meses, aumenta o alcance da internet.

Além do investimento em tecnologia e inovação, o investimento em recursos humanos pode ser o que diferencia as empresas/organizações que acompanham a mudança daquelas que decidem ficar paralisadas perante desenvolvimento. Em economias competitivas, quem investe em aperfeiçoamento da equipe e no desenvolvimento de novos produtos tende a enfrentar melhor mudanças repentinas (LEITE, 2012).

A globalização se deve em grande parte ao avanço tecnológico. Uma das consequências desse fenômeno é a entrada em novos mercados, o que envolve novos produtos e clientes. Empreendedores devem ter a consciência de que novos desafios surgem constantemente, e que

para supera-los, terão de estar atentos a essa tendência mundial (FERRO, 1988; ALBRECHT, 1994).

Pelo fato do empreendedorismo ser considerado um fenômeno, e no decorrer da história humana ter adquirido diversos conceitos, não há uma conceituação absoluta e definitiva a respeito. Vários pesquisadores e estudiosos tentaram definir o empreendedorismo a partir de suas experiências e perspectiva, como mostra a figura 1:

Figura 1 – Conceitos do empreendedorismo através da linha do tempo.



Fonte: RUIZ, 2019.

Alguns pesquisadores afirmam que o empreendedor é aquele que cria novos negócios ou empresas. Já outros discutem em torno de fatores de riscos e apontam o empreendedor como alguém que pode mensurar uma situação de risco e ser capaz de minimizá-la (RUIZ, 2019).

O empreendedorismo é complexo, e ficar preso a apenas algumas definições não proporciona a compreensão desse fenômeno. Além disso, outros fatores como o contexto político e econômico, as relações familiares, as redes de contato e outros, interfere diretamente nas ações do empreendedor (BRUYAT; JULIEN, 2010).

O fenômeno do empreendedorismo começou a ser fomentado de maneira intensa no Brasil a partir da década de 1970, com o intuito de multiplicar novas oportunidades de trabalho e movimentar a economia do país (VILLARINHO, 2016). A partir dessa década, houve um aumento nos empréstimos e investimentos estrangeiros, o deslocamento da população da área rural para a área urbana, o crescimento das empresas e conseqüentemente dos empregos e a inserção das mulheres no mercado de trabalho (MELO, 2008).

Com o início da globalização, muitas empresas brasileiras foram forçadas a criar alternativas para aumentar a produtividade, diminuir os custos e se manter no mercado de trabalho. E com o fechamento de muitas empresas, o governo e as entidades buscaram meios para popularizar o empreendedorismo e manter o desenvolvimento econômico (DORNELAS, 2005).

Uma das primeiras entidades criadas para o fomento do empreendedorismo no Brasil foi o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). É uma entidade privada de serviço social sem fins lucrativos, que possui o objetivo de capacitar e promover o desenvolvimento econômico de micro e pequenas empresas. Inicialmente, a instituição era chamada de CEBRAE (Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa) e possuía vínculo com o governo federal. Posteriormente, passou a ser denominada de SEBRAE e desvinculou-se da administração pública.

Outra iniciativa fomentada pelo Governo Federal foi o Programa Brasil Empreendedor, que consiste em uma entidade formada por escolas técnicas, profissionalizantes e de idiomas, com a finalidade de oferecer capacitação profissional de maneira mais acessível para quem busca ingressar no mercado de trabalho. Estas iniciativas contribuíram fortemente para o crescimento e popularização do empreendedorismo.

3.2. Características Empreendedoras

O fenômeno do empreendedorismo se intensificou de uma maneira que estudiosos e pesquisadores ao redor do mundo se dedicaram a estudos e reflexões a respeito do tema, a fim de sistematizar esses conhecimentos. Cunnighan e Lischeron (1991) organizaram os estudos em seis escolas, conforme o quadro 1 apresenta:

Quadro 1 – Principais características das escolas sobre o empreendedorismo.

ESCOLA	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
Escola econômica	As características dos empreendedores mais citadas nessa escola são a criatividade, a inovação, a identificação de oportunidades e o desejo de conquistas, além da perspectiva da escola de que o empreendedor deve ser remunerado (lucro) pelos riscos que corre.
Escola das características comportamentais e psicológicas	As características dos empreendedores mais ressaltadas por essa escola são o foco nos valores pessoais, o perfil de pouca, mas calculada aversão aos riscos e à necessidade de conquistas.
Escola de gestão	Os atributos mais marcantes dos empreendedores segundo essa escola são a organização, o planejamento, o foco na gestão de pessoas, o gerenciamento de recursos e a definição de metas.
Escola de liderança	Os atributos mais ressaltados por essa escola com relação aos empreendedores são a motivação, o sentido de direção, a habilidade de reconhecer os talentos e a importância dada à aprendizagem.
Escola dos “grandes ícones”	As características mais preponderantes dos empreendedores segundo essa escola são a intuição, o vigor, a energia, a persistência, a autoestima e a capacidade de reconhecer e explorar oportunidades.
Escola do intraempreendedor	Os atributos mais marcantes dos empreendedores identificados por essa escola são o foco nos valores pessoais, a tomada de riscos calculados e a necessidade de conquistas.

Fonte: Adaptado de CUNNIGHAN; LISCHERON, 1991.

Os conceitos desenvolvidos ao longo dos anos a respeito do empreendedorismo, expressam que os empreendedores são diferentes entre si. Cada empreendedor possui seus valores,

qualidades, contextos sociais e um perfil específico (RUIZ, 2019). Alguns pesquisadores (DORNELAS, 2011) buscaram nas últimas décadas tentar identificar algumas características em comum entre os empreendedores e organiza-las em grupos, considerando o contexto em que empreendem. A figura 5 expressa essas singularidades:

Figura 2 – Tipos de empreendedores.

01

O empreendedor nato:

Perfil que já traz em sua genética ou criação características muito fortes de empreendedor e, além disso, tem um desejo muito forte de empreender. Fatalmente vai acabar empreendendo em sua trajetória profissional.

02

O empreendedor serial:

Tem características similares às do empreendedor nato, mas seu desejo e seu perfil é o do estar ligado e continuamente analisando diversas oportunidades e negócios.

03

O empreendedor por oportunidade ou situacionista:

Esse perfil é de pessoas que não necessariamente têm características pessoais de um empreendedor, mas que foram colocadas de forma repentina em face a uma oportunidade muito interessantes e que, por isso, talvez se tornem empreendedores.

04

O empreendedor por necessidade ou informal:

Não só as características pessoais levam alguém a empreender. O contexto muitas vezes é o “culpado” para alguém se lançar ao empreendedorismo. Talvez não se envolvesse em empreendimentos com certo risco, mas o fez pela necessidade de seu sustento.

05

O empreendedor por sucesso ou herdeiro:

Outro perfil que não necessariamente é o de alguém com características fortes de empreendedor. Esse literalmente herdou algum negócio de sua família e neste momento se vê de certa forma obrigado a geri-lo.

06

O empreendedor apoiado ou cooperado:

Esse empreendedor se apoia bastante em alguma entidade, seja incubadora, seja uma universidade, seja um polo de pesquisa, entre outros. Ele busca uma minimização de riscos no início de seu negócio.

07

O empreendedor planejador e gestor ou administrador:

Esse perfil não está ligado necessariamente a características pessoais, valores ou mesmo à necessidade de empreender ou a alguma grande oportunidade repentina que surja. Mas por ter ferramentas e habilidades de planejamento e gestão, ele estuda minuciosamente alguns nichos e oportunidades buscando encontrar algum negócio viável.

08

O empreendedor social ou idealista:

Esse empreendedor pode ter quaisquer das características dos empreendedores já citados, mas basicamente ele pratica o empreendedorismo em organizações sem fins lucrativos e com algum fim social.

09

O empreendedor cooperativo ou intraempreendedor:

O típico intraempreendedor possui características e qualidades de um empreendedor, mas as utiliza dentro de uma organização formal e tradicional.

10

O empreendedor estatal ou público:

É o profissional com características empreendedoras, mas que trabalha em alguma entidade do setor público. Busca inovações e reconhecimento pelo seu trabalho.

Fonte: Adaptado de RUIZ, 2019.

O conceito do empreendedorismo na enfermagem está relacionado a um conjunto de características pessoais (SALES et. al., 2008). O enfermeiro empreendedor utiliza habilidades como: possuir senso de oportunidades, autonomia, independência, flexibilidade, determinação, inovação, proatividade, disciplina, comunicação, responsabilidade, assumir riscos, agir de maneira holística, inovar no campo da prestação de cuidados, agregar valor tanto para profissão quanto para a sociedade, gestão de finanças e conflitos (FERREIRA et. al., 2013; UYS, 2000).

3.3. Inovação na Saúde e Empreendedorismo na Enfermagem

As problemáticas que envolvem a saúde e bem-estar das populações, além do fato de que a assistência em saúde pode proporcionar desenvolvimento econômico e social para o país, são dois fatores que fortalecem a necessidade de novas oportunidades e inovação (RIVA, 2006). E a inovação não apenas requer a abertura de novos mercados, mas também exige a implementação de novas formas de servir aquelas já estabelecidos e maduros (BESSANT; TIDD, 2019).

O desenvolvimento de projetos inovadores na área da saúde possui elevado valor para o setor, tanto por apresentar diversas vantagens quanto por possibilitar melhorias na qualidade de

vida das populações. O empreendedorismo permite projetos inovadores de níveis diferentes de progresso tecnológico, que passam pela biotecnologia, indústria farmacêutica, indústria de equipamento médicos, material de consumo médico-hospitalar, procedimentos clínicos, inovações de gestão, administrativas e estruturais, entre outras (CARNEIRO, 2012).

Na área da medicina, o empreendedorismo está ganhando espaço nos últimos anos. Um exemplo disso é a Medicina Júnior, criada em 2003 por estudantes do curso de medicina da Universidade de São Paulo (USP), e foi a primeira em Medicina, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional do Brasil (TERRIM; MELO; JÁCOMO, 2015).

O foco de ter uma empresa júnior na saúde é inserir o aluno no campo da gestão, que apesar de necessário para a prática profissional, ainda é pouco discutido na área da saúde (TERRIM; MELO; JÁCOMO, 2015).

As novas tendências dos cuidados de saúde têm possibilitado evoluções tanto no âmbito do empreendedorismo quanto no âmbito da inovação, a nível institucional e empresarial. As inovações empreendedoras estão proporcionando o aumento de vagas no mercado de trabalho, pela competitividade e criação de novas empresas. Já as inovações organizacionais têm causado novas reflexões quanto a prestação de serviços e os sujeitos desse cuidado prestado. Em suma, estes movimentos são fundamentais para o aumento da produtividade e modernização das organizações (CARNEIRO, 2012).

Em 2010, a enfermeira Veronica Khosa estava frustrada com os serviços de saúde na África do Sul. Muitos enfermos apresentando piora em seus quadros clínicos, idosos sem a assistência médica e diversos hospitais que possuíam leitos vagos negando assistência a pessoas portadores do vírus HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana). Observando todos esses acontecimentos, criou a Tateni Home Care Nursing Services e implementou o conceito de *home care*, também chamado de atendimento em domicílio (BESSANT; TIDD, 2019).

Iniciou o negócio do zero e investiu para que houvesse uma assistência de qualidade prestada aos pacientes. Com a empresa mostrando bons resultados, anos depois, o governo adotou o plano e difundiu a ideia para outros países (BESSANT; TIDD, 2019).

Segundo Copelli, Erdmann e Santos (2019), são identificadas três vertentes do empreendedorismo na enfermagem: empreendedorismo social; empreendedorismo empresarial e intraempreendedorismo.

O empreendedorismo social envolve uma compreensão sistêmica da realidade social, e com isso cria propostas resolutivas para problemas sociais e inovação através de projetos sociais (BACKES et. al., 2018). Ou seja, nesta vertente, os empreendedores lançam-se em projetos com a intuito de solucionar um problema social (RUIZ, 2019).

O empreendedor social busca o desenvolvimento sustentável, qualidade de vida e mudanças nos contextos de atuação a fim de beneficiar as comunidades mais carentes e negligenciadas (NASSIF; PRANDO; CONSENTINO, 2010).

Para Nassif, Prando e Consentino (2010), o processo do empreendedorismo social ocorre:

Em primeiro, na identificação de um problema, lacuna ou conflito social; Em seguida, na reflexão e desenho de alternativas de soluções para o problema; E por fim na ação de intervenção social, buscando solução e multiplicação.

Quanto a atuação de atuação na área social, Ruiz (2019) afirma que o empreendedor pode:

Atuar nas entidades sustentadoras, capacitadoras ou divulgadoras do tema social; entidades sem fins lucrativos; órgãos governamentais; movimento social ou atuação extraorganizacional; e outros serviços, como empresas com produtos e serviços voltados ao atendimento de uma lacuna social e atividades de responsabilidade social.

Na enfermagem, o empreendedorismo social se caracteriza em realizar consultas, visitas e consultorias de enfermagem, além de atividades comunitárias como conceder exames gratuitos (KIRKMAN; WILKINSON; SCAHILL, 2018).

O empreendedorismo empresarial está relacionado a negócios. Refere-se a atuação autônoma. Há oportunidades de negócios em atividades próprias da enfermagem, como por exemplo, consultas autônomas a pacientes com feridas. Em contrapartida, também há atividades inovadoras para a área, que não estão limitadas ao domínio da enfermagem, como consultoria em empresas que não estão associadas a área da saúde (WALL, 2013; WALL, 2014).

Além de possuir características pessoais intrínsecas, o empreendedor de negócios é tipicamente alguém de ação e de execução. Para isso, é necessário que o empreendedor tenha

habilidades específicas que tornem as ações e os empreendimentos concretos (RUIZ, 2019). A Figura 2 exibe algumas habilidades requeridas para empreender:

Figura 3 – Habilidades do empreendedor de negócios.



Fonte: RUIZ, 2019.

As habilidades supracitadas convergem com as habilidades dos profissionais de enfermagem, propostas pela Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Enfermagem, onde afirma que o enfermeiro deve ser capaz de diagnosticar e solucionar problemas de saúde, de comunicar-se, de tomar decisões, de intervir no processo de trabalho, de trabalhar em equipe e de enfrentar situações em constante mudança (BRASIL, 2001).

O intraempreendedorismo, também chamado de empreendedorismo corporativo, começou a ser estudado a partir da década de 1990. Diz respeito a empreendedores empregados corporativos. Nessa vertente, o empreendedor propõe soluções criativas e gera inovações em empresas já existentes. Apesar de ter uma nomenclatura própria, o intraempreendedorismo possui analogia com o empreendedorismo comum, pois tem o objetivo de situar o contexto de atuação desse empreendedor (SUNDIN; TILLMAR, 2008; DAWES, 2009; RUIZ, 2019).

O empreendedor corporativo, para Hashimoto (2010):

Parte do pressuposto de que a empresa cria propositadamente estruturas e processos que inibem a ação empreendedora e assume essa condição como desafio pessoal a ser superado.

Algumas décadas atrás, as ações das empresas eram pautadas em regras e procedimentos, no controle, no monitoramento e na coordenação dos funcionários. Entretanto, nos últimos anos, há uma cultura dentro das empresas focada no empreendedorismo interno. As organizações têm buscado e contratado profissionais críticos, questionadores, criativos, inovadores, flexíveis e que gerenciem negócios dentro da empresa como se fossem seus (RUIZ, 2019).

Hisrich, Peters e Shepherd (2009) relatam que as empresas podem ser administradas seguindo duas linhas: a mentalidade tradicional ou com mentalidade empreendedora. A mentalidade empreendedora possui foco em oportunidades, e não apenas na gestão de recursos existentes, além de apresentar uma estrutura administrativa simples com várias redes informais, sem a presença de uma estrutura hierárquica rígida, e oferece recompensas baseadas na geração de valor, e não no tempo dentro da empresa ou idade.

O ensino superior assume papéis que vão além de formar um profissional capacitado e cientificamente competente. O ensino é um processo gradativo e complexo, onde deve ser consideradas as diversas dimensões do ser humano, suas questões singulares assim como o seu contexto real, para a construção do conhecimento e uma aprendizagem significativa (MORIN, 2003).

Com o intuito de alcançar uma educação proativa e inovadora, as instituições de ensino superior estão investindo em mudanças no perfil dos novos profissionais de saúde. Para isso, é necessário que os discentes estejam envolvidos em ações que estimulem uma postura ativa diante das possibilidades e desafios que a profissão enfrenta. Além disso, o ambiente acadêmico deve encorajar tomadas de decisões, proatividade, postura crítica e ideias inovadoras para a construção de projetos que atendam às necessidades de saúde individuais e coletivas (BACKES et. al., 2012).

Sendo assim, os cursos de enfermagem são incentivados a investir em novas metodologias, como metodologias ativas e problematizadoras, que possibilitem vivências na realidade social do enfermeiro. Dessa maneira, a enfermagem possui potencial para fomentar ideias inovadoras (COSTA et. al., 2007).

Seguindo essa perspectiva de inovar nas metodologias de ensino, em vários programas foram inseridas disciplinas e incubadoras que trabalham com o empreendedorismo. Um exemplo disso, é a disciplina optativa “Mercado de Trabalho em Enfermagem e novas modalidades de prestação de serviço”, do curso de graduação em enfermagem da Universidade

Federal de Santa Catarina. Além de abordar as diversas possibilidades de mercado de trabalho na saúde e na enfermagem, também discute os aspectos legais e organizacionais necessários nestas possibilidades (BACKES; ERDMANN, 2009).

Atualmente, a educação empreendedora é um dos campos da educação que mais cresce mundialmente (SOLOMON, 2007). Isto é um indicativo da importância do empreendedorismo para a economia de qualquer sociedade. Pesquisas apontam ligações entre o fornecimento da educação empreendedora e o crescimento econômico, a geração de oportunidades de emprego e o aumento do desenvolvimento econômico em geral (DZISI, 2008; LIGHTELM, 2007; MOJICA, GEBREMEDHIN; SCHAEFFER, 2010; PACHECO; DEAN; PAYNE, 2010).

Além disso, existe um debate entre os acadêmicos e empreendedores a respeito do ensino do empreendedorismo. Alguns entendem o empreendedorismo como um talento com o qual alguém nasce e não pode ser ensinado. Todavia, isso também pode ser dito a respeito de outras profissões como Medicina e Engenharia, e ninguém contestará a necessidade de ensinar aos estudantes sobre os temas (FAYOLLE; GAILLY, 2013).

Ainda há uma carência em abordar o empreendedorismo nos cursos de graduação em enfermagem. Nos últimos anos, têm crescido o campo de pesquisa em aprendizagem empreendedora, entretanto, alguns estudos argumentam que parte deste interesse é concentrado na oferta em uma educação empreendedora e não em uma demanda que valoriza a maneira como os empreendedores aprendem (PITTAWAY; THORPE, 2012). Em virtude de os primeiros cursos de empreendedorismo terem sido ofertados na educação convencional de negócios, muitas pesquisas focaram em explorar os programas já fornecidos. Apenas muito tempo depois, surgiu o interesse em explorar o lado do aluno, na tentativa de compreender como os empreendedores aprendem e adquirem as competências empreendedoras (SIRELKHATIM; GANGI, 2015).

Para Souza, Silveira e Carmo (2016) a educação empreendedora é vista pelo governo como um desafio econômico e social fundamental, que por meio de políticas públicas buscam estimular o desenvolvimento do comportamento empreendedor. Dornelas (2014) afirma que o contexto atual é propício para o surgimento de novos empreendedores, sendo necessária a capacitação desses indivíduos. A partir disso, tem surgido o interesse por parte das universidades em melhorar os Planos Pedagógicos dos Cursos (PPC) e oferecer matérias voltadas ao empreendedorismo (ASSAD; SOUZA, 2017).

O ensino sistematizado de Enfermagem oficialmente foi introduzido no Brasil em 1923, através do Decreto nº 16300/23, na cidade do Rio de Janeiro. Este marco histórico para área da Enfermagem foi organizado pelo Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), na época dirigida por Carlos Chagas e posteriormente nomeada Escola Anna Nery (ITO *et al.*, 2006).

Nesse período do século XX, o comércio estava ameaçado devido as epidemias que estavam ocorrendo, e para combater este obstáculo, o ensino sistematizado possuía o objetivo de formar profissionais que assegurassem o saneamento urbano. Esta formação foi comandada por enfermeira dos Estados Unidos, da Fundação Rockefeller, que vieram ao Brasil para organizar o serviço de enfermagem no âmbito da saúde pública e dirigir uma escola de enfermagem (FUSZARD, 1989; CARVALHO, 1972).

Ao longo dos anos, surgiram novas propostas para a organização dos serviços de saúde, envolvendo inclusive os princípios norteadores do Sistema Único de Saúde (SUS) como equidade, integralidade e universalidade, culminando em uma formação profissional generalista, apta para formar profissional capazes de atuar em diferentes níveis de atenção (ITO *et al.*, 2006).

Após anos de debates, foi aprovada em dezembro de 1996, a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que determinou os objetivos e princípios da educação brasileira, além de estabelecer as normas de oferta do ensino (BRASIL, 1996). A LDB possibilitou a flexibilização dos currículos de cursos da graduação, aplicou novas responsabilidades para as Instituições de Ensino Superior (IES), assim como, garantiu autonomia para as instituições para adotar Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) que atendessem as demandas da comunidade (FERNANDES; REBOUÇAS, 2013).

Através da Portaria MEC/SESu nº 076/96, de 10 de maio de 1996, surgiu a Comissão de Especialistas de Ensino de Enfermagem (CEEEnf). Esta comissão, em parceria com a ABEn (Associação Brasileira de Enfermagem), construiu propostas para a Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem. As propostas foram aprovadas em 2001, pela Resolução CNE/CES nº 3 de 07 de novembro 2001 (BRASIL, 2001).

As DCN dos cursos de graduação em Enfermagem perpassam pelo perfil do estudante e do profissional, competências e habilidades, conteúdos curriculares, estágios e atividades complementares, organização do curso e o acompanhamento e avaliação (BRASIL, 2001). A figura 3 pontua os principais elementos abordados no documento:

Figura 4 – O perfil profissional e as competências e habilidades abordadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem.

Perfil profissional	Competências e habilidades gerais	Competências e habilidades específicas
<ul style="list-style-type: none"> • Formação generalista, humanista e crítica-reflexiva • Seguir o rigor científico e os principais éticos • Conhecer e intervir sobre os problemas envolvendo a saúde de determinada comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Atenção a saúde: desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde • Comunicação: profissionais acessíveis, que mantenham a confidencialidade das informações • Administração e gerenciamento: além de administrar e gerenciar, estar apto a ser empreendedor, gestor ou empregador • Tomada de decisões: avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas • Liderança: compromisso, responsabilidade, empatia, etc. • Educação permanente: aprender continuamente, tanto na formação quanto na prática 	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno é sujeito de seu processo de formação • Campo de aprendizagem diversificados • Articulação entre teoria e prática • Metodologias ativas para desenvolver competências e habilidades • Articulação entre pesquisa, ensino e extensão

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho.

As DCN de Enfermagem possibilitaram intensos debates a respeito da formação em saúde em diferentes espaços, como: ABEn, CEEEnf, IES, Rede Unida, Movimento Estudantil e outros. Além mobilizar enfermeiros e estudantes de enfermagem para buscar mudanças no âmbito da educação e conseqüentemente na própria assistência (FERNANDES; REBOUÇAS, 2013).

As competências e habilidades da área da Enfermagem buscam a melhoria na formação profissional do futuro enfermeiro, para que o mesmo esteja capacitado para enfrentar o mercado de trabalho. Sendo assim, as competências e habilidades a serem trabalhadas durante o processo

de preparação deste profissional devem enriquecer condutas técnicas-científicas, éticas e socioeducativas, para que o enfermeiro atue buscando qualidade em sua assistência prestada, organização, planejamento, gerenciamento e avaliação do processo de trabalho no contexto em que está inserido (VALE; GUEDES, 2004).

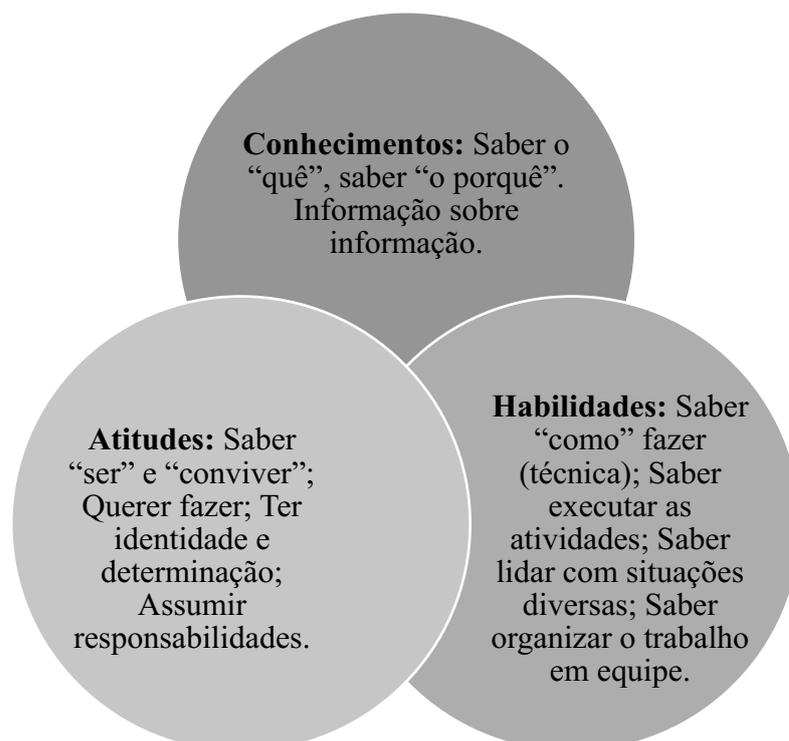
Considerando as DCN de Enfermagem, as mudanças ao longo dos 20 anos na atuação laboral da profissional e o crescimento do Empreendedorismo na área, é válido o seguinte questionamento: será que os conteúdos ensinados pelos professores durante a graduação foram suficientes para os enfermeiros empreendedores em seus negócios? Se não, as DCN atendem até que parte? Ou quais outras competências a Enfermagem podem não estar considerando para sua atuação?

No Decreto 5.707/2006, que estabelece a política e as diretrizes para o desenvolvimento pessoal da Administração Pública Federal, define a competência como:

“Conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias ao desempenho das funções dos servidores, visando ao alcance dos objetivos da instituição.”

Seguindo esta linha, BRASIL (2013) apresenta as três dimensões da competência:

Figura 5 – As três dimensões da Competência.



Competência está ligada ao saber e fazer com qualidade. Inicialmente, esta palavra foi introduzida ao processo laboral, e posteriormente utilizada nas propostas de formação e atualização profissional (VALE; GUEDES, 2004). Desenvolver competências demanda interagir no âmbito em que se realiza o trabalho, para resultar em um pleno exercício da profissão (SILVA; SOUSA; FREITAS, 2011). Ou seja, um dos principais objetivos da competência é aplicar de maneira adequada os conhecimentos e habilidades para alcançar um determinado resultado no contexto em que o profissional está inserido (VIEIRA *et al.*, 2016).

No campo da Enfermagem, alguns estudos apontam a importância de desenvolver competências para empreender (PARREIRA *et al.*, 2016; COLICHI *et al.*, 2019; FERNANDES JUNIRO *et al.*, 2020). E apesar do empreendedorismo ser incipiente no campo da formação em Enfermagem, entende-se que o ensino em enfermagem deve estar alinhado com a criatividade e inovação, para atender as novas mudanças e exigências do mercado de trabalho (JAHANI *et al.*, 2018; COPELLI *et al.*, 2017; PAULINO *et al.*, 2017).

Por muitos anos, a Enfermagem foi uma profissão submissa em relação as outras profissões da área da saúde, principalmente a Medicina (HERMANN *et al.*, 2011). E é possível ver alguns resquícios dessa subordinação em alguns aspectos no processo de trabalho e na formação profissional.

As Diretrizes Curriculares Nacionais não expõem explicitamente o empreendedorismo como uma competência, mas o expressa nas entrelinhas dentro da competência intitulada Administração e Gerenciamento. Isto pode indicar que a Enfermagem está limitando a sua visão quanto as competências que devem ser trabalhadas durante a formação profissional, pois e se o empreendedorismo fosse definido como uma competência? Qual seria o perfil do estudante de enfermagem? O enfermeiro não estaria mais apto a ocupar novos espaços no mercado de trabalho?

As competências gerenciais abordadas em alguns estudos (FURUKAWA; CUNHA, 2010) são semelhantes as competências empreendedoras levantadas em outros. É válido questionar se o empreendedorismo está sendo visto como algo novo e único dentro da enfermagem, com todas as suas particularidades e desafios, ou se o empreendedorismo está sendo entendido apenas como algo limitado ao gerenciamento em enfermagem.

Apesar desses entraves, debater sobre o empreendedorismo e introduzi-lo nos espaços de atuação da enfermagem, já é favorável para a profissão. Estimular uma cultura empreendedora

nos espaços acadêmicos provoca mudanças na formação e conseqüentemente no profissional que atuará no mercado de trabalho.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. Guy Le Boterf

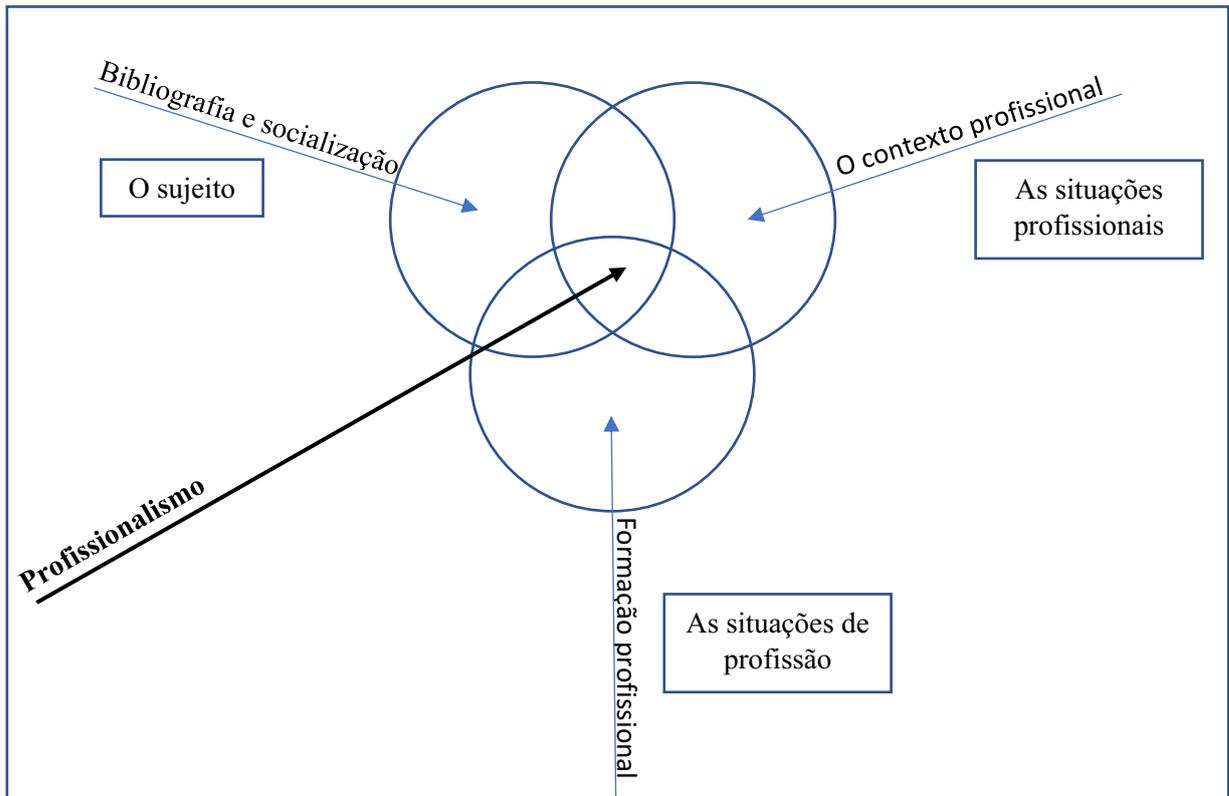
Guy Le Boterf formou-se em Filosofia, é doutor em Sociologia e possui pós-doutorado em Letras e Ciências Humanas. Atualmente, é professor associado na Universidade de Sherbrooke (Canadá) e conselheiro científico da Quaternaire Portugal. Durante sua trajetória profissional, Le Boterf trabalhou com consultoria para empresas, organizações e universidades a fim de ajudar a conceber e colocar em prática as suas políticas e ferramentas de gestão e desenvolvimento dos recursos humanos e das competências (GUY LE BOTERF, 2021).

4.2. Conceitos utilizados no âmbito da Competência

A competência profissional é “uma disposição para agir de modo pertinente em relação a uma situação específica.” (LE BOTERF, 2003, p. 40).

Além disso, Le Boterf (2003) entende que a competência de um profissional se constrói na articulação de três áreas: a bibliografia e socialização do sujeito, contexto profissional e formação profissional (figura 6). O indivíduo além de possuir um conjunto de competências e habilidades, deve saber mobiliza-los em um contexto laboral. O autor explica que apenas possuir saberes ou capacidades não torna o trabalhador competente, o mesmo deve dominar não somente a técnica, mas também ser capaz de executa-la em um ambiente de competitividade e estresse.

Figura 6 – Construção do profissionalismo.



Fonte: LE BOTERF, 2003.

Em uma conjuntura econômica instável, apresentar profissionalismo se torna um meio de manter segurança contra os riscos de mudança, conquistar empregabilidade e conseqüentemente, mobilidade social. Entretanto, a empregabilidade não é eficaz se a empresa não proporciona variedade das situações de aprendizagem, treinamento para a reflexão sobre práticas profissionais, e recrutamento não apenas focado em busca de competências, mas também para criar novas competências (LE BOTERF, 2003).

A competência depende não apenas da instrumentalização de saberes e capacidades, mas também de recursos incorporados e objetivado que o profissional utiliza durante sua prática. Recursos incorporados correspondem a conhecimentos e habilidades, e o recurso objetivado diz respeito a máquinas, documentos e banco de dados (LE BOTERF, 2003).

Para Le Boterf (2003), pode-se desenvolver competências dentro das organizações da seguinte maneira:

Quadro 2 – Proposta de Le Boterf para o desenvolvimento de competências nas organizações.

Tipos de conhecimentos	Saberes	Como desenvolver
Conhecimento teórico	Entendimento, interpretação	Educação formal e continuada

Conhecimentos sobre os procedimentos	Saber como proceder	Educação formal e experiência profissional
Conhecimento empírico	Saber como fazer	Experiência profissional
Conhecimento social	Saber como se comportar	Experiência social e profissional
Conhecimento cognitivo	Saber como lidar com a informação, saber como aprender	Educação formal e continuada, e experiência social e profissional

Fonte: LE BOTERF, 2003.

O autor também alerta que o processo de desenvolvimento de competências é mútuo entre os atores envolvidos – profissional e organização. A competência é individual e social simultaneamente, pois as atribuições individuais requeridas de cada trabalhador, dependem do sistema estabelecido entre os atores. Dessa forma, os profissionais dentro de uma organização são parceiros, que possuem tarefas distintas a serem realizadas, mas que são complementares (LE BOTERF, 2003).

A prática de um profissional que age com competência, utiliza três dimensões: recursos disponíveis, ações e resultados e reflexividade. A primeira dimensão corresponde a recursos tanto pessoais quanto exteriores, como conhecimentos, saber-fazer, capacidades cognitivas e competências comportamentais. A segunda dimensão corresponde aos resultados obtidos através das práticas profissionais. Por fim, há o distanciamento e reflexão das ações tomadas durante o processo da prática (LE BOTERF, 2006). Para maior entendimento desse processo, as sessões a seguir irão abordar cada dimensão.

4.2.1. Recursos disponíveis

Le Boterf (2006) considera que um profissional não deve apenas deter conhecimentos, mas também saber combinar e colocar em prática um conjunto coerente de recursos. Por um lado, há os recursos pessoais, que são habilidades intrínsecas ao sujeito, como conhecimentos, saber-fazer, capacidades cognitivas, recursos emocionais, competências comportamentais, conhecimentos adquiridos através de experiências, aptidões físicas e sensoriais, entre outros. Além disso, há os recursos externos, aqueles que estão disponíveis nos ambientes em que o sujeito está inserido e que podem ser utilizados quando necessários. Podem ser bases de dados, competências de colegas de trabalho ou pessoas de outras profissões, base de casos, redes de cooperação científica e manuais de instruções.

Para exercer competência, o profissional deve articular os dois recursos, pessoais e externos, pois é impossível desenvolver competência agindo de maneira isolada (LE BOTERF, 2006).

4.2.2. Práticas profissionais e resultados obtidos

Esta dimensão tem relação com as demandas de determinadas situações profissionais e o desempenho recorrente de cada ação. Le Boterf (2006) explica que um trabalhador competente é visto como alguém que sabe agir e capaz de conduzir práticas profissionais pertinentes, em relação às exigências do local de trabalho.

A prática profissional pode ser entendida como um conjunto de ações que um sujeito executa para alguma atividade laboral, ou para solucionar problemas. Ou seja, é uma sequência de ações que estão interligadas e dependem uma das outras (LE BOTERF, 2006).

Sendo assim, o profissional competente é aquele que sabe articular um conjunto de ações no momento correto para alcançar um objetivo. É importante ressaltar que cada ação é singular, isto é, cada sujeito irá agir de maneira diferente, pois a prática é construída a partir de experiências em situações reais e em situações reconstituídas (LE BOTERF, 2006).

4.2.3. O distanciamento ou a reflexividade

Além de saber agir em determinada situação no ambiente laboral, o profissional competente também é capaz de refletir sobre suas condutas e o porquê de cada decisão. Se faz necessário ter uma dupla compreensão, a da situação sobre a qual irá intervir e como irá atuar (LE BOTERF, 2006).

Essa reflexão e autoanálise requer que o profissional acesse a terceira dimensão: o distanciamento. O sujeito deve se distanciar tanto das práticas profissionais quanto dos recursos pessoais e exteriores, para uma melhor tomada de consciência em relação às suas próprias condutas. É a partir dessa reflexão, que o profissional consegue desenvolver sua capacidade de aprendizagem e de também as transferir (LE BOTERF, 2006).

A transferência de aprendizagem a partir do distanciamento e reflexividade não se limita em apenas descrever as atividades realizadas, mas também consiste em explicar as razões de cada ação executada. Não é apenas expor como o profissional agiu e os recursos que utilizou para tal situação laboral, deve-se também realizar uma reconstrução da realidade, haver a criação de esquemas operatórios, esquemas de ações, e de modelos cognitivos que poderão impulsionar a aprendizagem e contribuir com o desenvolvimento de competências (LE BOTERF, 2006).

Considerando os constructos de Guy Le Boterf, assim como a sua trajetória no âmbito do desenvolvimento de competência, o presente estudo adotou como referencial teórico os conceitos do autor, a fim de explorar e evidenciar competências empreendedoras em enfermeiros que empreendem.

5. MÉTODO

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, em que foi empregada a entrevista estruturada.

As entrevistas em estudos qualitativos, permitem aos pesquisadores a possibilidade de buscarem significados em conteúdos manifestados no processo de coleta de dados, ou ainda construir inferências a partir de análises com a aplicação de métodos adequados. O uso de entrevistas em pesquisas qualitativas pode ser compreendido como uma conversa dirigida (SILVA; RUSSO, 2019).

Este é um estudo derivado de um macroprojeto intitulado “Enfermeiros empreendedores de negócios no Brasil: mercado de trabalho e formação”. Este macroprojeto possui três fases, onde a fase 1 envolveu estudantes de enfermagem e enfermeiros, a fase 2 apenas enfermeiros empreendedores com experiência de três anos e seis meses ou mais, e a fase 3 que ainda irá ocorrer, e trabalhará com cursos em níveis, envolvendo técnicos de enfermagem, enfermeiros e docentes na área.

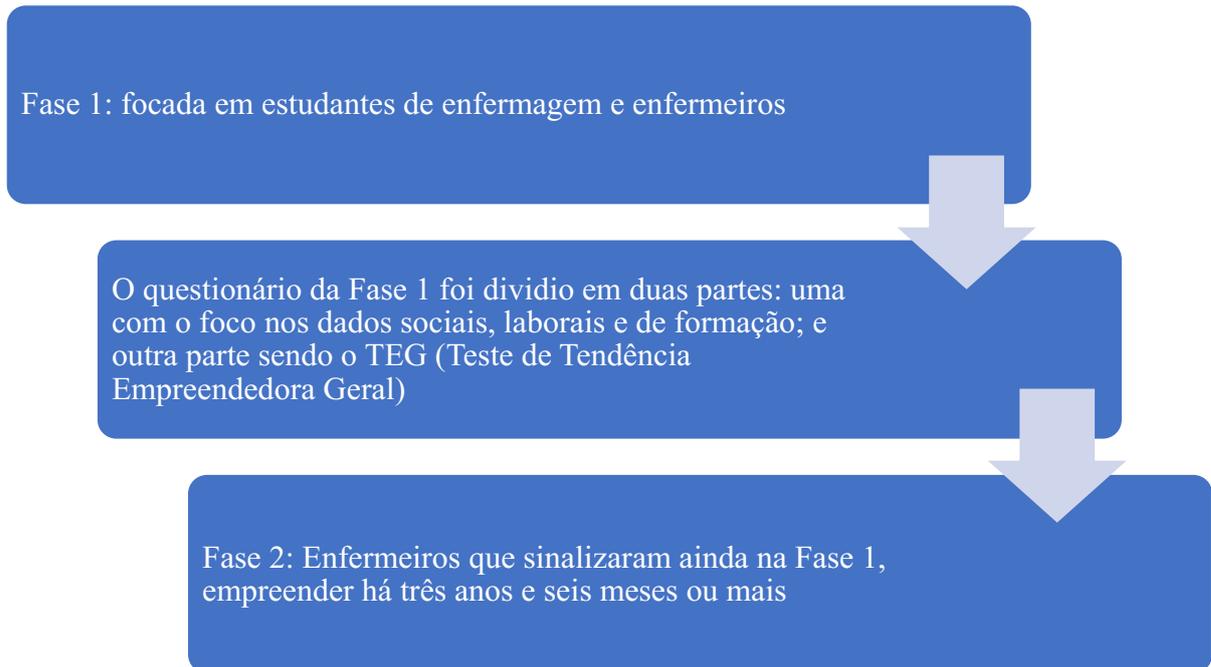
A fase que originou o presente estudo foi a fase 2. Entretanto, para ficar claro como ocorreu o desenvolvimento desta segunda fase, torna-se necessário explicar também a fase 1.

A fase 1 conteve a participação de estudantes de enfermagem e enfermeiros, que receberam pelas redes sociais (Whatsapp, Instagram ou Facebook), um link de acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e a um questionário online dividido em duas partes. A parte 1 abordou questões voltadas para o âmbito social, laboral e de formação. A parte 2, foi composta pelo Teste de Tendência Empreendedora Geral (TEG).

Durante a parte 1 do questionário da Fase 1, a pergunta 9 referia-se a “atua como empreendedor de negócios em enfermagem?”, e a pergunta 12 correspondia a “tempo de atuação como empreendedor de negócios em enfermagem? (em meses)”. Todos os que sinalizaram “sim” para a pergunta 9 e “42 meses” ou mais para a pergunta 12, enquadraram-se nos critérios mandatórios para participar da Fase 2.

A figura 7 apresentada sucintamente o processo descrito acima.

Figura 7 – Etapas da coleta de dados do macroprojeto.



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

5.1. Seleção dos Participantes

Os participantes do estudo foram enfermeiros empreendedores de negócios, de diversas cidades e regiões do Brasil, identificados a partir da Fase 1 do macroprojeto.

Os participantes da Fase 1 do macroprojeto foram enfermeiros e estudantes de Enfermagem de todo o território nacional. Foi critério de inclusão para enfermeiros possuir diploma de enfermeiro e de exclusão, a ausência de registro no Conselho de Enfermagem. Foi critério de inclusão para estudantes, estar regularmente matriculado em curso de graduação em Enfermagem e de exclusão, trancamentos por qualquer natureza.

A partir das respostas das perguntas 9 e 12 do questionário da Fase 1, como citado anteriormente, todos os que sinalizaram ser enfermeiros empreendedores de negócios com 42 meses de experiência ou mais, foram selecionados para a Fase 2, que equivale ao presente estudo.

Os critérios, tanto de seleção quanto de exclusão, obedeceram aos critérios base do macroprojeto. Para seleção, foram: (1) ser enfermeiro; (2) ter respondido a Fase 1 do macroprojeto ou ser indicado por um dos participantes da pesquisa; (3) ter atividade empreendedora atual ou anterior de pelo menos 42 meses. Para exclusão, foram: (1) enfermeiros em atuação empreendedora não relacionada ao trabalho de enfermagem e (2) afastados da atividade empreendedora por qualquer motivo.

Utilizou-se como base para a escolha deste segundo critério de seleção dos enfermeiros, o estudo realizado pela *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), no qual define que os empreendedores considerados estabelecidos, realizam atividades empreendedoras há três anos e seis meses ou mais (GEM, 2020).

5.2. Coleta de Dados

Os pesquisadores Berg (2001) e Minayo (2000) denominaram a entrevista como uma conversa com finalidade. Outra pesquisadora (GLESNE, 2015) afirma que uma entrevista é um processo de interação entre um ou mais interlocutores de ambos os lados, onde todo entrevistador deve construir sentido através dos dados obtidos mediante a série de perguntas e outras formas de comunicação não verbal.

O roteiro de entrevista (Apêndice B) conteve 11 perguntas, envolvendo aspectos da trajetória profissional e questionamentos acerca de competências. Além disso, ao final de cada entrevista, era solicitado ao participante que indicasse pelo menos um(a) enfermeiro(a) que também empreendesse há 42 meses ou mais.

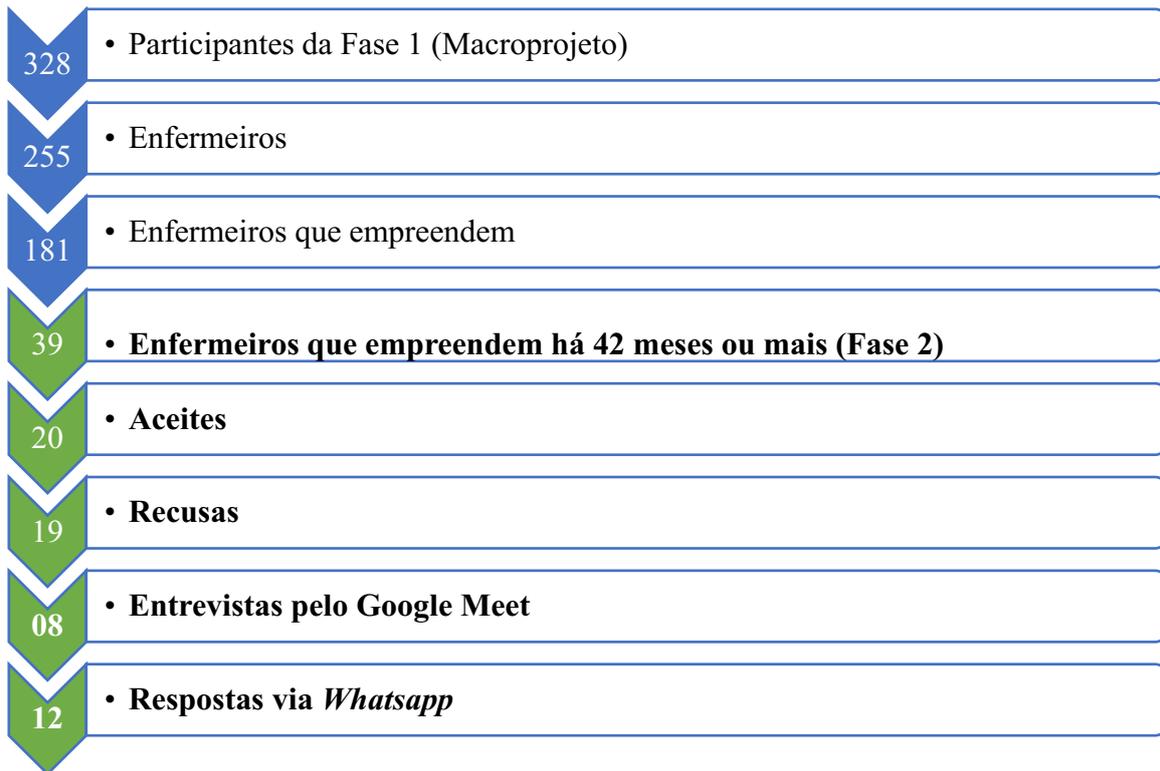
Para evitar o não cumprimento do cronograma estabelecido, foi definida uma estratégia de captação síncrona dos participantes. Ou seja, a coleta de dados da Fase 2 ocorreu simultaneamente a coleta de dados da Fase 1. Foi realizado um monitoramento semanal de quais enfermeiros atendiam aos critérios do presente estudo, e logo após a identificação, esses sujeitos eram contatados para participar da Fase 2.

A primeira tentativa de contato com os enfermeiros, foi através do *Whatsapp*. Os participantes tiveram duas opções de interação: entrevista através de uma videochamada, ou envio das respostas pelo próprio *Whatsapp*.

Após o aceite, foram marcadas as datas de cada entrevista e gerado um link para a videochamada, na plataforma Google Meet.

O período da coleta de dados ocorreu durante quatro meses, entre julho de 2021 a outubro de 2021. A figura 8 apresenta os quantitativos de participantes, desde o macroprojeto até o presente estudo.

Figura 8 – Quantitativos de participantes durante as Fase 1 e Fase 2.



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Ressalta-se que durante o período de coleta de dados, foi estabelecido que após três tentativas de contato com o participante sem sucesso, enquadrava-se como recusa.

5.3. Análise de Dados

Para a análise dos dados qualitativos, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2016), técnica de investigação que tem como finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.

Bardin (2016), define que a análise de conteúdo é dividida em três momentos: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. A pré-análise consiste na organização propriamente dita, com o intuito de operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais para formar um plano de análise, ou seja, um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas (BARDIN, 2016).

A exploração do material consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função das regras previamente estabelecidas. No tratamento dos resultados, os dados fornecidos tornam-se significativos e válidos, e permitem formar quadros de resultados, para sintetizar e evidenciar as informações obtidas da análise (BARDIN, 2016).

Para organizar os dados coletados e realizar a análise de conteúdo de Bardin, utilizou-se o *software* IRaMuTeq. Este *software* é focado em análise textual, e funciona com o apoio de um outro programa estatístico, intitulado R. Juntos, realizam análises lexicométricas. Os resultados gerados apresentam a posição e a estrutura das palavras em um texto, ligações e outras características textuais, que permitem detectar indicadores, e assim, visualizar a estrutura e ambientes do texto a ser analisado (KLAMT; SANTOS, 2021).

O IRaMuTeq elabora análises textuais de seis formas: estatísticas textuais, Classificação Hierárquica Descendente (CHD), análises de similitude, nuvem de palavras, análises de especificidades e Análise Fatorial de Correspondência (AFC) (SALVIATI, 2017).

Durante pré-análise de Bardin (2016), foi realizada a digitação de todo o material no programa *Microsoft Word*. Em seguida, as 20 transcrições foram unificadas em um documento e cada pergunta foi renomeada por linhas de comandos, pois este é um dos critérios do *software* IRaMuTeq para realizar as análises. Ou seja, cada pergunta correspondeu a uma variável, e cada variável possuiu um comando.

Quadro 3 – Comandos utilizados na organização dos textos.

Perguntas	Variáveis/Comandos
Por que você escolheu a Enfermagem?	*prof_
Antes de empreender, você atuava em que?	*atua_
O que te motivou a empreender?	*mot_
Durante sua trajetória empreendedora, qual foi o momento de grande êxito e qual fase difícil da carreira?	*mome_
O que é competência para você?	*compe_
Em relação as competências para empreender na Enfermagem, quais foram as fundamentais para você?	*compefund_
E quais dessas competências que você comentou são as essenciais para consolidar um negócio? E por quê?	*compecons_
Se elegêssemos as competências mais importantes para empreender na	*comperank_

enfermagem, de todas essas que você mencionou, quais você escolheria?	
Na sua opinião, como essas competências poderiam ser fomentadas na graduação?	*compegrad_
O que é empreender na Enfermagem para você?	*empree_

Fonte: Elaborado pela autora.

Feito isso, o arquivo único gerado pelo programa *Microsoft Word* foi inserido no IRaMuTeq. Verificou-se no *corpus* textual, que o *software* reconheceu 200 textos, obteve 467 segmentos de texto, reclassificou-os em 14.619 ocorrências e 2.410 formas, além de 1.281 hápax, que corresponde ao conjunto de palavras que não se repetem.

Na exploração do material (BARDIN, 2016), foram realizadas as análises textuais no *software* IRaMuTeq. Das seis análises disponíveis no IRaMuTeq, três foram utilizadas nos dados deste trabalho: Classificação Hierárquica Descendente (CHD), análises de especificidades e Análise Fatorial de Correspondência.

No tratamento dos resultados obtidos e a interpretação (BARDIN, 2016), utilizou-se a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), análises de especificidades e Análise Fatorial de Correspondência como referência para a articulação dos resultados ao conceito de competência de Le Boterf. Os resultados gerados neste processo serão detalhados na sessão 6.

5.4. Aspectos Éticos

De acordo com a resolução CNS nº 466/2012, a pesquisa seguiu os princípios de anonimato, autonomia, não maleficência e beneficência.

Ressalta-se que na Fase 1 do macroprojeto, foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), especificando as fases do macroprojeto e seus critérios. E os demais participantes indicados na Fase 2 também assinaram o TCLE.

A fim de manter o sigilo dos dados, os participantes foram nomeados aleatoriamente como n_01, n_02 e assim sucessivamente.

Esta dissertação, como recorte do estudo “Enfermeiros empreendedores de negócios no Brasil: mercado de trabalho e formação”, possui aprovação do Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina, CAAE: 38266720.1.0000.0118 (Anexo A). A instituição

proponente é Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina, e o número do parecer é 4.406.286.

6. RESULTADOS

O estudo contou com a participação de 20 enfermeiros empreendedores de negócios, com 42 meses ou mais de experiência na área de empreendimentos. O quadro a seguir apresenta informações como gênero, idade, região, nicho de negócio e tempo de empreendimento dos participantes da pesquisa.

Quadro 4 – Caracterização dos participantes do estudo.

Participante	Gênero	Idade	Região	Nicho de negócio	Tempo de empreendimento
n_01	Masculino	Não informado	Norte	Enfermagem dermatológica	Não informado
n_02	Feminino	Não informado	Norte	Ensino e pesquisa	Não informado
n_03	Masculino	34	Norte	Ensino e pesquisa	48 meses
n_04	Feminino	38	Centro-Oeste	Assistência domiciliar	48 meses
n_05	Feminino	54	Norte	Gestão	83 meses
n_06	Feminino	59	Sul	Enfermagem dermatológica	48 meses
n_07	Feminino	46	Sudeste	Enfermagem dermatológica	48 meses
n_08	Masculino	38	Sudeste	Gestão	72 meses
n_09	Feminino	Não informado	Sudeste	Enfermagem dermatológica	Não informado
n_10	Masculino	Não informado	Sudeste	Enfermagem dermatológica	Não informado
n_11	Feminino	34	Sudeste	Saúde da criança e adolescente	46 meses
n_12	Feminino	46	Norte	Ensino e pesquisa	240 meses
n_13	Feminino	36	Sul	Ensino e pesquisa	60 meses
n_14	Feminino	Não informado	Sudeste	Saúde do Adulto	Não informado
n_15	Feminino	36	Sudeste	Saúde da criança e adolescente	48 meses
n_16	Feminino	38	Sudeste	Saúde da criança e adolescente	60 meses
n_17	Feminino	35	Sudeste	Ensino e pesquisa	130 meses
n_18	Masculino	44	Sudeste	Assistência domiciliar	192 meses
n_19	Masculino	Não informado	Norte	Ensino e pesquisa	Não informado
n_20	Feminino	Não informado	Sul	Saúde do Adulto	Não informado

É possível observar que em relação ao gênero, 70% dos participantes são mulheres e 30% são homens, e 50% dos enfermeiros concentram-se na região Sudeste, em seguida no Norte (30%), Sul (15%) e Centro-Oeste (5%).

Ressalta-se também que o enquadramento dos nichos de negócios foi baseado na resolução do COFEN, nº 581/2018, que estabelece a lista de especialidades e procedimentos para registro de títulos de pós-graduação lato e stricto sensu (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 2018). As duas áreas de maior percentual entre os participantes foram a área de Ensino e Pesquisa, que correspondeu a 30% do nicho de negócios, e a Enfermagem Dermatológica, a 25%.

Na exploração do material (BARDIN, 2016), ocorreu as análises de texto no IraMuTeq. O primeiro processamento a qual o *corpus* textual foi submetido, chama-se Classificação Hierárquica Descendente (CHD) ou Método de Reinert. O método de Reinert propõe uma classificação hierárquica descendente, visa obter classes de segmentos de texto que, concomitantemente, apresentam vocabulário semelhante entre si e vocabulário diferente dos segmentos de texto das outras classes. Ou seja, essa análise é baseada na proximidade léxica e na ideia de que palavras usadas em contextos similares estão associadas ao mesmo mundo léxico e são partes de mundos mentais específicos (SALVIATI, 2017).

O dendrograma abaixo apresenta o resultado do processamento de 200 textos do *corpus* textual, onde é possível visualizar o percentual de uso (%), o resultado do teste qui-quadrado (x^2) e as principais palavras que formam as quatro classes semânticas identificadas no *corpus*.

Quadro 5 – Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente com a classificação do conteúdo do *corpus*.

Classe 3 20.21%			Classe 2 28.08%			Classe 1 28.35%			Classe 4 23.36%		
Palavra	%	x^2									
Empreendedor	65.38	35.31	Competência	62.5	32.21	Atuar	82.76	45.75	Êxito	94.74	56.91
Disciplinada	84.62	34.62	Conhecimento	65.79	29.71	Área	64.71	38.32	Dar	66.67	37.85
Importante	61.54	29.56	Problema	92.31	27.49	Saúde	72.22	37.68	Momento	70	25.65
Ensinar	100	28.15	Produto	100	23.6	Ficar	83.33	28.12	Paciente	66.67	23.28

Faculdade	87.5	22.95	Buscar	77.78	23.1	Atuação	84.62	20.98	Grande	66.67	23.28
Clínica	100	20	Cliente	90.91	22.14	Assistência	71.43	20.31	Difícil	63.64	21,16
Gestão	61.11	19.6	Habilidade	73.68	20.59	Período	100	18.03	Curso	59.26	20.92
Voltar	72.73	19.37	Pessoa	56.82	20.34	Serviço	62.96	17.14	Brasil	100	16.62
Além	77.78	18.94	Escrever	100	18.26	Depois	65.22	16.38	Querer	56	15.92
Aprender	62.5	18.52	Precisar	62.07	17.95	Já	60	16.06	Casa	85.71	15.49
Comunicação	100	15.96	Entender	73.33	15.83	Campo	81.82	15.95	Certo	72.73	15.42
Montar	100	15.96	Resolver	100	15.61	Docência	100	15.41	Medicina	100	13.26

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

O software IraMuteq também gerou o seguinte dendrograma:

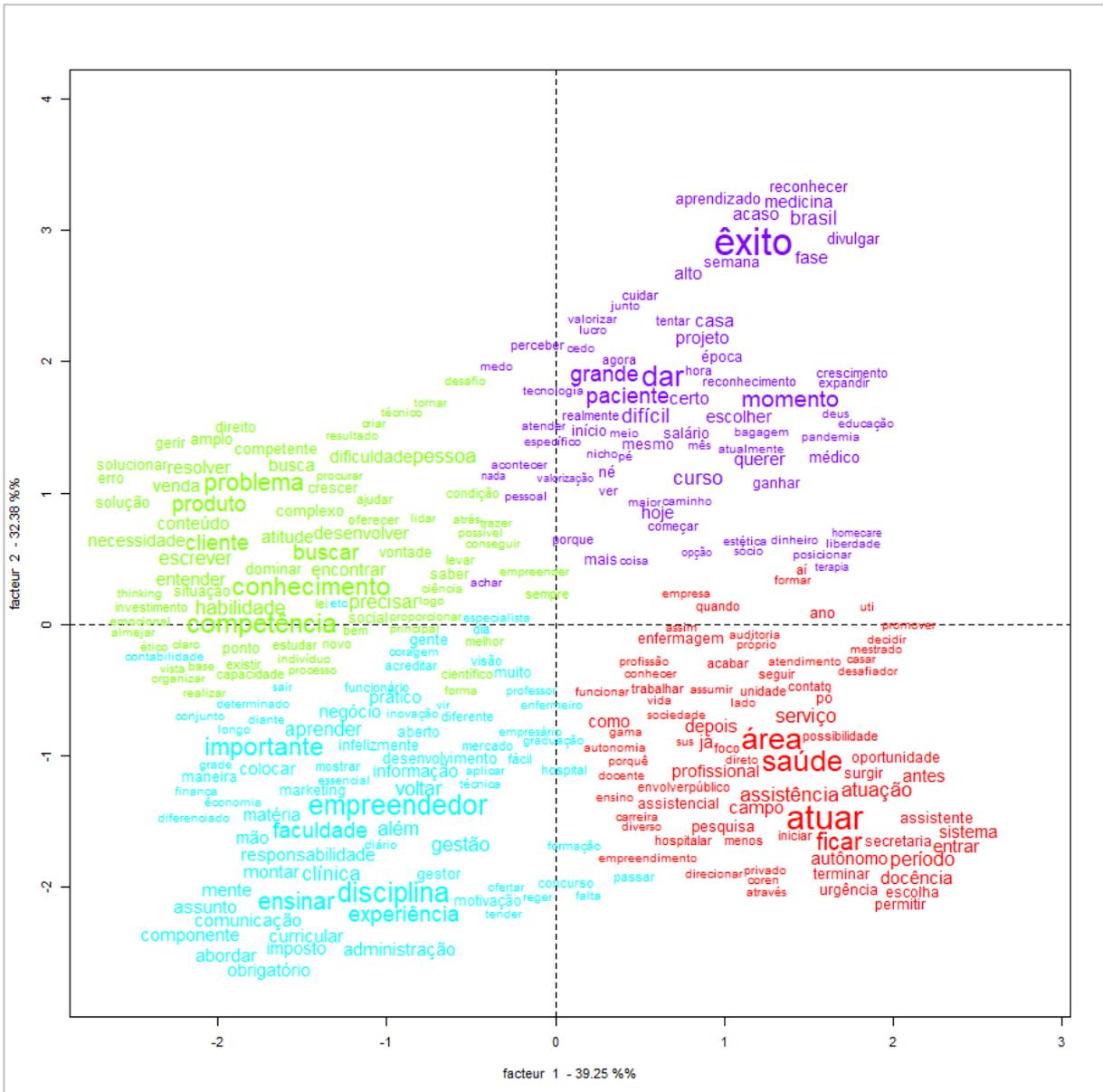
Figura 9 – Segundo Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente com a classificação do conteúdo do corpus.



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Na figura 10, estão apresentados os aspectos da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) em uma visão bidimensional, através da análise fatorial de correspondência (AFC). Nesse plano, as aproximações e ou distanciamentos entre as classes podem ser identificados com precisão de acordo com a disposição nos quadrantes.

Figura 10 – Análise Fatorial de Correspondência das palavras ativas mais frequentes em cada classe lexical obtida através da classificação hierárquica descendente



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Na figura acima, é possível observar uma aproximação entre as cores lilás (classe 4) e vermelho (classe 1), assim como entre as cores verde (classe 2) e azul (classe 3). Também se observa um distanciamento entre a classe 3 e classe 4, da mesma forma com a classe 2 e classe 1.

O segundo processamento realizado foi a análise do tipo Especificidades e AFC, que associa textos com variáveis. Neste tipo de análise, optou-se por selecionar apenas as formas ativas, a fim de evitar palavras que não trouxessem resultados concretos como “a/e/em/o/que/de/da/dos/das”.

Inicialmente, a variável submetida a análise foi a “*prof_”, que diz respeito a razão pela qual os participantes escolheram a Enfermagem como profissão.

No quadro abaixo, estão apresentadas as principais formas comuns encontradas na análise, que correspondem a lista de formas classificadas pela frequência em que ocorrem com as variáveis.

Quadro 6 – Formas comuns e suas frequências relativas: motivos para a escolha da profissão.

Formas comuns	Frequência relativa
Enfermagem	30
Área	17
Querer	11
Cuidar	07
Começar	07
Possibilidade	06
Atuar	04
Momento	03
Cuidado	02
Estudar	02
Social	02
Administração	02

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Partindo das formas comuns da variável supracitada, foi possível identificar as seguintes opiniões:

Depois de analisar o perfil, as possíveis inserções do enfermeiro no campo de atuação e a gama de possibilidades que a enfermagem poderia trazer, eu avaliei os custos e benefícios em relação a outras áreas da saúde, e naquele momento eu decidi fazer a enfermagem (Participante n_03).

A enfermagem me chamou mais atenção pela possibilidade do cuidado, pela possibilidade de atuar em várias áreas, e a área da saúde sempre me agradou muito, então a enfermagem foi minha primeira escolha (Participante n_10).

Eu vi as enfermeiras que vinham de São Paulo para a minha cidade, que era Porto Velho, para atender as populações ribeirinhas, e isso me motivou também, essa questão social (Participante n_09).

A segunda variável analisada foi a “*atua_”, que diz respeito a experiência profissional antes de empreender na Enfermagem. As formas comuns e suas frequências relativas encontradas foram:

Quadro 7 – Formas comuns e suas frequências relativas: experiência profissional antes de empreender.

Formas comuns	Frequência relativa
Atuar	18
Enfermeiro	12
Hospital	07
Serviço	05
Concurso	05
Público	05
Assistência	05
Empresa	04
Formar	04
Assistencial	04
Estudar	03
Mercado	03

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Considerando essas formas comuns, obteve-se:

Eu atuava e ainda atuo como enfermeira do laboratório de simulação da UFRGS. Eu digo que sou empreendedora acidental, pois trabalho com simulação em saúde (Participante n_13).

Atuei em hospitais durante 5 anos, trabalhei em urgência, UTI, unidades de internação... Fiquei dois anos no serviço público, e depois três anos em um hospital privado (Participante n_09).

Atuei como enfermeiro assistente, penso que é necessário a inserção inicial na assistência, por conta da experiência. Acredito que não dá para seguir para outro campo sem necessariamente conhecer a área que escolheu, antes de começar a fazer outras coisas (Participante n_03).

Outra variável analisada no *software* IramuTeq, foi a “*mot_”, que está relacionada com a motivação dos enfermeiros para empreender.

Quadro 8 – Formas comuns e suas frequências relativas: motivação para empreender na Enfermagem.

Formas comuns	Frequência relativa
Querer	15
Enfermeiro	13
Área	12
Consultório	07
Empreendedorismo	07
Assistência	07
Saber	07
Hospitalar	04
Oportunidade	04
Começar	04
Dinheiro	03
Autonomia	03

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Com isso, os enfermeiros empreendedores expressaram as seguintes falas:

Para poder cuidar, resolvi abrir meu próprio consultório, fazer meus próprios horários, e não depender de empresa para ter meu próprio sustento (Participante n_15).

Meu interesse pelo empreendedorismo surgiu durante a graduação, e também já na graduação fiquei questionando sobre o porquê eu sendo enfermeira com um diploma de ensino superior, que nem os demais colegas da área da saúde, não poderia ter meu próprio consultório assim como eles (Participante n_17).

A motivação para empreender perpassa pela decisão de melhores condições de salário, melhores condições de vida, e além do que você pode ter mais autonomia e liberdade. O enfermeiro na assistência acaba ficando de certa forma cristalizado e engessado, somente naquele campo de atuação que desempenhar sua atividade (Participante n_04).

Ainda sobre a variável “mot_”, também foi possível observar opiniões contrárias entre os participantes.

Sempre busquei algo diferente dentro da minha profissão, eu analisei minha vivência acadêmica e decidi que eu não queria apenas ir para a assistências. Eu queria fazer algo diferente (Participante n_19).

Foi ao acaso, mas principalmente porque eu queria ganhar mais dinheiro. Como eu tinha mestrado, eu abri junto com uma médica dermatologista uma empresa de cursos na área estética (Participante n_20).

Outra variável analisada em Especificidades e AFC, foi a “*mome_”, que diz respeito aos momentos de sucesso e momentos desafiadores vivenciados pelos participantes durante a trajetória empreendedora.

Quadro 9 – Formas comuns e suas frequências relativas: desafios e momentos de êxito.

Formas comuns	Frequência relativa
Êxito	22
Difícil	18
Enfermagem	17
Dificuldade	15
Paciente	11
Conseguir	10
Começar	10
Consultório	06
Foco	05
Cliente	04
Crescer	04
Conhecer	03

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

A partir dessas formas comuns, obteve-se os seguintes relatos:

Para mim, o grande êxito foi o reconhecimento mesmo. No sentido de você ser boa no que faz e ser reconhecida por isso (Participante n_16).

O grande êxito foi que nesse ano, sendo o quinto ano da empresa, conseguimos exportar para europa. E também foi a primeira vez em cinco anos, que fizemos a divisão de lucros. Porque eu trabalhava há cinco anos de graça, e como sócia não era paga (Participante n_13).

A parte mais difícil foi correr atrás dos conhecimentos que eu não possuía (Participante n_08).

Um momento difícil foi a questão de ter muito serviço para poucos funcionários (Participante n_19).

Difícil mesmo é o início, a incerteza, se vai dar certo ou não. E não desanimar na primeira dificuldade (Participante n_04).

Antes de definir qualquer competência empreendedora, é fundamental identificar nos participantes do estudo qual a compreensão acerca do conceito de competência. A análise da variável “*compe_” identificou:

Quadro 10 – Formas comuns e suas frequências relativas: compreensão acerca de competência.

Formas comuns	Frequência relativa
Competência	26
Saber	13
Habilidade	10
Conhecimento	09
Trabalhar	05
Pensar	05
Faculdade	05
Qualidade	04
Visão	04
Profissional	04
Capacidade	03
Desenvolver	03

Fontes: Dados da pesquisa, 2021.

Competência seria a habilidade que a gente tem de mobilizar um conjunto de conhecimentos para resolver situações complexas. O enfermeiro precisar ter esse conjunto de habilidade para que ele possa ter competência (Participante n_03).

Eu acho que competência é você enxergar o ser humano como um todo e valorizar sua equipe, você trazer as pessoas que trabalham com você para realmente crescerem juntos, para fazer acontecer. Além disso, acho que competência também é dedicação, está muito ligada a estar trabalhando em cima da dedicação (Participante n_18).

São nossas habilidades, nossas qualidades... É o que nos diferencia, o nosso esforço e tudo aquilo que você acumula durante suas experiências, não só na universidade, mas também na sua trajetória (Participante n_20).

Em relação as competências fundamentais para empreender (variável “*compefund_”), na análise de Especificidades e AFC, as principais formas comuns encontradas foram:

Quadro 11 – Formas comuns e suas frequências relativas: competências fundamentais para empreender.

Formas comuns	Frequência relativa
Conhecimento	12
Saber	08
Técnica	07
Aprender	06
Comunicação	05
Capacidade	04
Gestão	04
Acreditar	04
Buscar	03
Habilidade	03
Mercado	03
Experiência	02

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Foram identificadas as seguintes opiniões:

O conhecimento técnico é fundamental. Eu acho que para investir na área da saúde, se eu não tivesse essa bagagem de ter atuado como enfermeiro assistencial, seria muito difícil ter alcançado tantos objetivos (Participante n_18).

Conhecimento acumulado durante o dia a dia e força de vontade para alcançar o perfeccionismo (Participante n_20).

Conhecimento, comunicação, força de vontade e relacionamento interpessoal (Participante n_16).

Competência técnica é fundamental para empreender, também tem as competências sociais como ter uma boa relação com as pessoas, e as competências de gestão, além das competências técnicas para conseguir levar o seu trabalho (Participante n_09).

Ser especialista na sua área, experiência com sócios, criatividade, comprometimento, responsabilidade, coragem em ser singular no mercado (Participante n_01).

Para identificar quais competências seriam essenciais para a consolidação de um negócio, a variável “*compecons_” foi submetida a análise.

Quadro 12 – Formas comuns e suas frequências relativas: competências para consolidar um negócio.

Formas comuns	Frequência relativa
Negócio	08
Enfermeiro	08
Empresa	06
Mercado	06
Conhecer	05
Visão	05
Graduação	04
Desenvolver	03
Gestão	03
Técnico	02
Ensino	02
Foco	02

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Identificação com a área do negócio e conhecimento (Participante n_08).

Para consolidar um negócio, demanda organização, senso administrativo e marketing (Participante n_11).

Acho que entender o que é uma empresa, uma sociedade, um CNPJ, quais os direitos legais... Essa parte jurídica precisa para consolidar um negócio, entender como funciona contratos sociais e investimentos (Participante n_12).

Acho que você tem que ter conhecimento, desenvolver habilidades, ser ético e conhecer as legislações (Participante n_10).

Durante a criação do roteiro para a entrevista, pensou-se em identificar a partir das competências citadas pelos enfermeiros, as mais importantes, a fim de criar um ranking das competências indispensáveis para os enfermeiros empreendedores. Com isso, a análise da variável “*comperank_” identificou:

Quadro 13 – Formas comuns e suas frequências relativas: ranking de competências para empreender na Enfermagem.

Formas comuns	Frequência relativa
Conhecimento	11
Comunicação	03
Saber	03
Empreender	02
Entender	02
Negócio	02
Vender	02
Assistência	02
Produto	02
Vontade	02
Formação	02
Experiência	01

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Obteve-se as seguintes falas dos enfermeiros empreendedores:

Resiliência, foco e conhecimento técnico (Participante n_07).

Conhecimento e trabalho em equipe (Participante n_08).

Liderança, conhecimento de negócio e comunicação (Participante n_18).

Persistência, busca de novos conhecimentos e entender as necessidades dos clientes (Participante n_13).

A principal competência que o enfermeiro precisa ter e isso vale para qualquer pessoa que empreende, é o domínio do conteúdo. É saber do que está falando e trabalhando, do que está vendendo (Participante n_19).

Eu acho que o design thinking, pois com ele você aprende até como vender um produto. Também é importante conhecer sobre economia, contabilidade e noções legais e jurídicas sobre a empresa (Participante n_14).

Além de identificar as competências empreendedoras na Enfermagem, tornou-se pertinente identificar maneiras de desenvolver essas competências em estudantes dos cursos de graduação. Com a análise da variável “*compegrad_”, obteve-se:

Quadro 14 – Formas comuns e suas frequências relativas: formas de desenvolver competências empreendedoras na graduação em Enfermagem.

Formas comuns	Frequência relativa
Empreendedorismo	15
Aluno	15
Mostrar	12
Disciplina	10
Conhecimento	07
Competência	05
Administração	04
Curso	04
Mercado	04
Formação	04
Pensar	03
Processo	03

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Eu acho que desde cedo, o aluno tem que ter acesso ao empreendedorismo. Aí no meio do curso, pode ser criado hackathons, semana de desafios, etc., para eles terem a oportunidade de inovar. E já no final do curso, quando o aluno estiver mais maduro, talvez promover incubadoras. Acredito que a enfermagem precisa ter incubadoras (Participante n_13).

Durante a graduação, seria importante ter disciplina sobre o empreendedorismo na linha da enfermagem. Já seria um avanço, para que mais lá na frente, a gente empreenda mais (Participante n_19).

Tendo o contato com o empreendedorismo, o aluno pode ter outras oportunidades, além da assistência, como gestão por exemplo. Seria importante uma disciplina obrigatória extensa, que aborde tudo isso (Participante n_08).

Acho que desde muito cedo, temos que mostrar para o aluno que ele vai encontrar desafios como enfermeiros na área da saúde, e que ele é um dos protagonistas para solucionar os problemas. Está no DNA do enfermeiro ser empreendedor, basta desenvolver tudo isso (Participante n_15).

Mostrar para o aluno que há outras possibilidades de atuação, além da assistência. Mostrar exemplos reais, inserir no curso algo relacionado a administração, abertura de empresas, impostos, desenvolver comunicação, relacionamento interpessoal (Participante n_16).

Opiniões contrárias também foram identificadas:

Acho que na graduação é difícil gerar competências plenas. Acredito que a graduação possa ensinar os fundamentos do empreendedorismo, para que o enfermeiro já saia sabendo que ele tem um mundo lá fora, que não é programado apenas para ir a um hospital para trabalhar (Participante n_09).

A partir da análise da variável “*empree_”, foi possível compreender como os participantes do estudo visualizam o processo de empreender na Enfermagem, e qual o significado de ser um enfermeiro(a) empreendedor(a).

Quadro 15 – Formas comuns e suas frequências relativas: compreensão acerca de empreender na Enfermagem.

Formas comuns	Frequência relativa
Empreender	11
Desenvolver	05
Negócio	05

Saber	05
Cuidado	04
Profissional	04
Novo	04
Próprio	03
Diferente	03
Autonomia	03
Resolver	02
Possibilidade	02

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Obteve-se os seguintes pontos de vista a respeito do que é empreender na enfermagem:

Empreender é realmente uma forma de ser e agir. A todo momento, em qualquer local você pode estar desenvolvendo possíveis soluções para diversos problemas (Participante n_17).

Empreender é ter a capacidade de encontrar as pessoas com skills para você desenvolver sua empresa, e claro, sempre buscando excelência (Participante n_13).

É desenvolver caminhos fora da curva na nossa área. É promover uma ideia e se dedicar em seu benefício, trabalhando e sendo valorizado pelo o que constrói (Participante n_14).

Para mim, é sair da zona tradicional do hospital. Então qualquer atividade fora da zona tradicional, para mim é empreendedorismo (Participante n_15).

É pegar todo o acúmulo de conhecimento e experiência, e colocar em um negócio que você acredita que irá dar certo. É unir conhecimento e experiência com vontade, otimismo e dedicação (Participante n_20).

Para mim, é você achar uma nova solução para um problema antigo. Não é só abrir um negócio, mas é você ter uma ideia diferente que ninguém está conseguindo resolver. Acho que empreendedorismo é inovação (Participante n_12).

É colocar todo o universo grandioso de conhecimentos e habilidades do enfermeiro à disposição do consumo da população, seja com o objetivo de lucratividade pessoal ou institucional. É a possibilitar ao enfermeiro uma nova forma de reconhecimento do seu trabalho, e de exercer sua autonomia (Participante n_11).

DISCUSSÃO

Guy Le Boterf (2003) apresenta diversos conceitos no âmbito da competência, como a construção do profissionalismo; os cinco tipos de conhecimentos para desenvolver competências nas organizações e as três dimensões utilizadas pelo profissional que age com competência. E foi possível observar alguns desses constructos ao longo das quatro classes geradas durante a análise.

Na Classe 1, observou-se nas falas dos participantes os temas envolvendo áreas de atuação antes de empreender na enfermagem, motivos que influenciaram na escolha da profissão, além das dificuldades encontradas e conquistas alcançadas. Estes pontos estão relacionados a dois conceitos de Le Boterf que fazem parte da construção do profissionalismo: Bibliografia e Socialização e o Contexto Profissional (LE BOTERF, 2003). Houveram escolhas pessoais que influenciaram os enfermeiros a seguir o caminho do empreendedorismo, e durante a prática empreendedora, as diversas situações profissionais apresentaram adversidades, assim como possibilitaram sucesso.

As Classes 2 e 3 envolveram os conceitos sobre competência, competências necessárias para empreender na enfermagem e competências fundamentais para consolidar um negócio. Esses conhecimentos manifestados pelos enfermeiros empreendedores têm relação com o conceito de Le Boterf denominado de Conhecimento Teórico, em que o profissional utiliza o entendimento e interpretação durante a sua prática (LE BOTERF, 2003).

Em particular, foi possível observar que as competências Conhecimento, Comunicação, Liderança, *Marketing*, Persistência e Trabalho em Equipe foram citadas pelos participantes como as necessárias tanto para empreender quanto para consolidar um negócio. Em um outro estudo (AMARAL et. al., 2021), estas mesmas competências são apresentadas como necessárias no desenvolvimento de competências empreendedoras em estudantes, de acordo com docentes dos cursos de graduação em enfermagem que trabalham com o empreendedorismo.

A Classe 4 envolveu o aprimoramento de competências no âmbito acadêmico, o que diz respeito a Formação Profissional, que é uma das etapas para a construção do profissionalismo (LE BOTERF, 2003). As falas envolvem maneiras de desenvolver as competências empreendedoras, e proporcionar maiores possibilidades no mercado de trabalho para os estudantes após a formação. Isto tem relação com o Conhecimento Cognitivo, que diz respeito ao saber como lidar com as informações recebidas e em como aprender (LE BOTERF, 2003).

Seguindo os constructos de Le Boterf (2003) sobre competência, e relacionando-os com a prática do enfermeiro empreendedor, é possível compreender que o processo de construção do profissionalismo envolve conhecimento, crenças e experiências do indivíduo, o contexto profissional em que este sujeito está inserido e a sua formação profissional. E que além deste conjunto, há a utilização de cinco tipos de conhecimentos que fomentam o desenvolvimento de competências.

A partir deste movimento, a ação do enfermeiro empreendedor competente ocorre em três etapas: 1. Recursos disponíveis, em que o sujeito utiliza conhecimentos, habilidades, competências e saber-fazer; 2. Ações e resultados, que corresponde aos resultados alcançados através da prática profissional e 3. Reflexividade, em que o profissional reflete a respeito das ações tomadas durante todo o processo (LE BOTERF, 2003).

Le Boterf (2003) ainda afirma que o profissional não apenas deve utilizar conhecimento teórico em sua prática, como também saber agir com competência em diversos contextos. Ou seja, o enfermeiro empreendedor além de dominar a técnica a fim de oferecer qualidade nos serviços prestados, deve desenvolver competências relacionadas a gerenciamento de custos e materiais, gestão de pessoal, ética empresarial, e outras habilidades no âmbito da abertura e manutenção de empresas.

Um outro ponto importante a ser destacado é em relação ao receio de muitos enfermeiros para iniciar um negócio. Isto pode ter relação com a carência em abordar o empreendedorismo nos cursos de graduação em enfermagem, somada a forte tendência em condicionar alunos a seguir o campo assistencial após concluir o curso.

Diversas universidades têm investido em uma educação empreendedora (DORNELAS, 2015), que consiste em um processo pedagógico com o objetivo de desenvolver habilidades e atitudes empreendedoras, e promover a integração entre alunos, através de atividades práticas e análises de casos reais (CHEUNG & AU, 2010; ELMUTI; KHOURY & OMRAN, 2012; FAYOLLE; GAILLY & LASSAS-CLERC, 2006; MARITZ & BROWN, 2013; SAES & PITA, 2007).

Os participantes mencionaram algumas formas de desenvolver competências empreendedoras em estudantes, como disciplinas de empreendedorismo e incubadoras. Os autores Silva e Pena (2017) também apontam as aulas expositivas e incubadoras de empresas como métodos de ensino para a educação empreendedora, além de outros métodos como casos

para ensino, seminários/palestras com empreendedores, planos de negócios, jogos empresariais, simulações, Empresa Junior, e projetos de pesquisa e extensão.

Destaca-se ainda que apenas disciplinas de empreendedorismo pode ser um fator limitante para o aprimoramento de competências empreendedoras. O desenvolvimento de competências não é um processo estático, ou seja, ele se modifica de acordo com o contexto em que ocorre. Sendo assim, é preciso atentar-se quanto as particularidades dos espaços de formação e dos ambientes laborais, e fazer as adaptações necessárias para que os atores deste processo consigam se desenvolver.

Partindo desta ideia, vale o questionamento se não seria coerente que na formação acadêmica, fosse trabalhado os fundamentos do empreendedorismo e todas as leis e resoluções que respaldam a prática empreendedora do enfermeiro. E posteriormente, após finalizar a graduação, o enfermeiro desenvolvesse as competências empreendedoras de fato, em outras espaços de formação.

Estudos (TROTTE et. al., 2021; AMARAL et. al., 2021; COLICHI et. al., 2021) apontam que o empreendedorismo é visto e compreendido de diversas maneiras no contexto educacional. Entretanto, pouco é explorado nos currículos dos cursos de graduação por vezes não compreender a grade curricular, e quando o tema é abordado, ocorre no início do curso e não perpetua ao longo da formação acadêmica, estimulando pouco o estudante a desenvolver competências e habilidades empreendedoras (ANDRADEI; BENNI; SANNA, 2015).

Em relação a caracterização dos participantes, foi possível perceber que apesar da predominância feminina (70%), há um quantitativo significativo de homens que são enfermeiros empreendedores (30%). Em um estudo sobre tendência empreendedora em estudantes de enfermagem (TROTTE et al.), também identificou que 88,5% dos estudantes em Florianópolis são do gênero feminino, e 11,5% do gênero masculino.

O interessante ponto a ser discutido é que mesmo que a enfermagem seja composta por mulheres, e o Brasil ocupe a 7ª maior proporção de mulheres entre os empreendedores iniciais (GEM, 2018), além das mulheres empreendedoras possuírem maior escolaridade comparadas aos homens (16%), ainda sim os homens que empreendem ganham 22% a mais que mulheres (BRASIL, 2018).

O entendimento dos participantes em torno do conceito de competência, somada as competências empreendedoras apontadas, revelam uma similaridade com o campo

comportamental, ou seja, atitudes que proporcionam o desenvolvimento da prática empreendedora, como ser comunicativo, líder e trabalhar em equipe. Isso também pode ter relação com a própria formação em enfermagem, pois desde 2001 os cursos de graduação são baseados nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem, que preconizam o desenvolvimento de algumas competências, como Liderança e Comunicação (BRASIL, 2001).

Sendo assim, o enfermeiro está apto a empreender, pois desde a sua formação desenvolve competências que subsidiam a prática empreendedora. O que torna fundamental o fomento de pesquisas na área da enfermagem voltadas para o empreendedorismo, para cultivar a cultura empreendedora na área e ampliar os espaços de atuação do enfermeiro.

CONCLUSÃO

As competências empreendedoras mencionadas com maior frequência pelos participantes foram: Conhecimento Técnico, Conhecimento em Contabilidade, Conhecimentos Éticos, Conhecimentos de Negócios, Comunicação, Trabalho em Equipe, *Marketing*, Persistência, Força de Vontade, Foco e Responsabilidade.

Assim, subtede-se que as competências empreendedoras na enfermagem são caracterizadas por dois principais grupos: competências técnicas e competências comportamentais.

Salienta-se como potencialidade do estudo o quantitativo de participantes, levando em consideração a expertise dos mesmos. Os 20 enfermeiros empreendedores com atuação de três anos e meio ou mais mostrou uma amostra qualificada, onde foi possível extrair contribuições ricas e pertinentes para a pesquisa do empreendedorismo na área da enfermagem.

Através deste estudo, foi possível conhecer a perspectiva de enfermeiros empreendedores a respeito de competências utilizadas em sua prática. Conhecer este processo não apenas fortalece a prática empreendedora na enfermagem, como também é um meio para expandir o empreendedorismo tanto nos espaços de formação quanto nos meios laborais.

Espera-se que este estudo contribua para o desenvolvimento de profissionais na área da enfermagem que empreendem ou que tenham o objetivo de empreender, além dos docentes que trabalham com este tema nos cursos de graduação em enfermagem.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Karl. **The northbound train: finding the purpose, setting the Direction, shaping destiny of your organization.** New York: Amacom, 1994.

AMARAL, T. M. O. Proposta pedagógica para o ensino do empreendedorismo nos cursos de graduação em Enfermagem. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal do Pará, 2019.

MIRELA OLIVEIRA AMARAL, T.; DO CARMO MENEGAZ, J.; COELHO TOSCANO SILVEIRA, S.; CAMPO MESCHIAL, W.; LEONARDO FIGUEIREIDO CUNHA, C.; GEÓRGIA MONTEIRO DIAS E SILVA, C. RACIOCÍNIO PEDAGÓGICO DE PROFESSORES ACERCA DO ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NA ENFERMAGEM. **Revista Renome**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 01–12, 2021. DOI: 10.46551/rnm23173092202100101. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renome/article/view/3465>. Acesso em: 12 jul. 2022.

ASSAD, R. E. SOUZA, R. S. Tendência empreendedora: uma análise comparativa entre os acadêmicos dos cursos de administração e ciências contábeis do campus Pantanal da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação, Nivirai, out, 2017. [S.I.], v. 1, n.1, ISSN 2594-8083. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/4301> Acesso em: 23 fev 2021.

BACKES, D. S.; ERDMANN, A. L. Formação do enfermeiro pelo olhar do empreendedorismo social. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS) 2009 jun;30(2):242-8.

BACKES, D. S.; GRANDO, M. K.; GRACIOLI, M. S. A.; PEREIRA, A. D.; COLOMÉ, J. S.; GEHLEN, M. H. Vivência inovadora no ensino de enfermagem. **Esc Anna Nery** (impr.)2012 jul -set; 16 (3):597-602.

BACKES, D. S.; HAAG, B. K.; VASCONCELOS, J.; DALCIN, C. B.; BACKES, M. T. S.; LOMBA, L. Nursing students in the community: entrepreneurial strategy and proponent of changes. **Rev. Bras. Enferm.** 2018; 71(Suppl 4): 1799-1804. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672018001001799&lng=pt. Acesso em: 14 abr 2020.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70; 2016.

BERG, B. L. **Qualitative research methods for the social sciences.** Pearson; 2001.

BESSANT, John; TIDD, Joe. Inovação e empreendedorismo [recurso eletrônico] / John Bessant, Joe Tidd; tradução: Francisco Araújo da Costa. – 3. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2019.

BEZANILLA-ALBISUA, María José et al. El Pensamiento Crítico desde la Perspectiva de los Docentes Universitarios. **Estud. pedagóg.**, Valdivia, v. 44, n. 1, p. 89-113, 2018. Available from:

https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071807052018000100089&lng=en&nrm=iso. Access on 20 Jan. 2021. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-07052018000100089>.

BODUR, G. The relationship between individual innovativeness and entrepreneurship tendency of nursing students. **Journal of Health Science and Profession** 5 (2), 139–148. in Turkish; 2018. doi: 10.17681/hsp.349105.

BRASIL. **Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão**. Guia de Mapeamento e Avaliação de Competências para a Administração Pública. MARQUES, Fernanda (consultora). Trabalho realizado no âmbito do contrato de serviços estabelecido com a CESO CI (Lisboa) e a Secretária de Gestão Pública. Brasília – DF, 2013.

BRASIL. **Ministério da Fazenda**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/centrais-de-conteudos/publicacoes/conjuntura-economica/emprego-e-renda/2018/ie-pnadc-marco-2018.pdf>. Acesso em: 25 set 2022.

BRASIL. **Conselho Nacional de Secretários de Saúde**. Publicada a Resolução CNS n. 573 que aprova o Parecer Técnico nº 28/2018 contendo recomendações do Conselho Nacional de Saúde (CNS) à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação Bacharelado em Enfermagem. Disponível em: <https://www.conass.org.br/conass-informa-n-210-publicada-resolucao-cns-n-573-que-aprova-o-parecer-tecnico-no-28-2018-contendo-recomendacoes-do-conselho-nacional-de-saude-cns-proposta-de-diretrizes-curriculare/>. Acesso em: 27 jan 2021.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União 23 dez 1996; Seção 1:27833-41.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Resolução CNE/CES nº 3, de 07/11/2011. Institui Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. Diário Oficial da União 09 nov 2001; Seção 1.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil. FIOCRUZ/COFEN. 2013.

BRUYAT, Christian; JULIEN, Pierre-André. Defining the field of research in entrepreneurship. **Journal of Business Venturing**. Elsevier Science Inc. 16, p. 165-180, 2010.

CARNEIRO, Victor Sá. **O Empreendedorismo e a Inovação na Saúde, factores potenciadores de novos projetos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Gestão) – Universidade Lusófona do Porto. Faculdade de Economia e Gestão, Porto.

CARVALHO, A. M. Orientação e ensino de estudantes de enfermagem no campo clínico [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 1972.

CHEUNG, C.K.; AU, E. Running a small business by students in a secondary school: its impact on learning about entrepreneurship. **Journal of Entrepreneurship Education**, 13, 45-63; 2010.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

COLICHI, Rosana Maria Barreto et al. Empreendedorismo de negócios e Enfermagem: revisão integrativa. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v.72, supl. 1, p. 321-330, Feb. 2019. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672019000700321&lng=en&nrm=iso. Access on 01 Feb. 2021. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0498>.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Aprova o Regulamento dos Consultórios de Enfermagem e Clínicas de Enfermagem. Resolução nº 568 de 9 de fevereiro de 2018. Brasília, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Atualiza no âmbito do Sistema Cofen/Conselhos Regionais de Enfermagem, os procedimentos para Registro de Títulos de Pós-graduação Lato e Stricto Sensu concedido a Enfermeiros e aprova a lista das especialidades. Resolução 581 de 11 de julho de 2018. Brasília, 2018.

COPELLI, F. H. S.; ERDMANN, A. L.; SANTOS, J. L. G. Empreendedorismo na Enfermagem: revisão integrativa da literatura. **Rev Bras Enferm.** 2019;72(Supl 1):301-10.

COPELLI, F. H. S.; ERDMANN, A. L.; SANTOS, J. L. G.; LANZONI, G. M. M.; ANDRADE, S. R. Empreendedorismo na gestão universitária pública de enfermagem: entraves e estratégias. **Rev Rene.** 2017;18(5):577-83.

COSTA, L. B.; COSTA, A. A. S.; SARAIVA, M. R. B.; BARROSO, M. G. T. Aplicação de estruturas conceituais na consulta de enfermagem à família. **Esc Anna Nery.** 2007; 11 (3): 515-19.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. 3ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNNIGHAN, Barton J.; LISCHERON, Joe. Defining entrepreneurship. **Journal of Small Business Management**, v. 29, n. 1, 1991.

DAWES, D. How nurses can use social enterprise to improve services in health care. **Nurs Times.** 2009;105(1):22-5. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19330985>

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 4. Ed. Rev. e Atual. – São Paulo: Elsevier, 2005.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 4. Ed. – Rio de Janeiro: Campus, 2011.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo**: Transformando ideias em negócios. 5. ed. Rio de Janeiro: Empreende/LTC, 2014.

DORNELAS, J. C. A. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. (5a ed.). Rio de Janeiro: Empreende / LTC, 2015.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 5. Ed. – São Paulo: Elsevier, 2016.

DRUCKER, Peter F. *People and performance: the best of Peter F. Drucker on management*. New York: Harper & How, 1997. p. 18-430.

DZISI, S. Entrepreneurial activities of indigenous African women: A case of Ghana. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*. 2008, 2. 254-264. 10.1108/17506200810897231.

ECONOMIC COMMISSION FOR LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN (NU. CEPAL), ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OCDE), CORPORACIÓN ANDINA DE FOMENTO (CAF), editors. *Latin American Economic Outlook 2017: Youth, Skills and Entrepreneurship*. Santiago (CL): NU.CEPAL, OCDE, CAF; 2018. 255 p. Available from: http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/development/latin-american-economic-outlook-2017_leo-2017-en#.WnNydq6nHct#page3.

LMUTI, D.; KHOURY, G.; OMRAN, O. Does entrepreneurship education have a role in developing entrepreneurial skills and ventures effectiveness? *Journal of Entrepreneurship Education*, 15, 83-98; 2012.

FAYOLLE, A.; GAILLY, B.; LASSAS-CLERC, N. Assessing the impact of entrepreneurship education programmes: a new methodology. *Journal of European Industrial Training*, 30(9), 701-720; 2006.

FAYOLLE, A.; GAILLY, B. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial attitudes and intention: hysteresis and persistence. *Journal of Small Business Management*. 2013.

FERNANDES JUNIOR, Roberto Barbosa et al. Tendência empreendedora e comunicação interpessoal de estudantes de Enfermagem. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 54, e03615, 2020. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342020000100463&lng=en&nrm=iso. Access on 23 Feb. 2021. Epub Sep 18, 2020. <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2018056603615>.

FERNANDES, Josicelia Dumêt; REBOUCAS, Lyra Calhau. Uma década de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Graduação em Enfermagem: avanços e desafios. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 66, n. spe, p. 95-101, Sept. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700013&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Feb. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000700013>.

FERREIRA, Gímerson Erick et al. CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS DO FUTURO ENFERMEIRO. *Cogitare Enfermagem*, [S.l.], v. 18, n. 4, dez. 2013. ISSN 2176-9133. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/34921/21675>>. Acesso em: 23 abr. 2022. doi:<https://dx.doi.org/10.5380/ce.v18i4.34921>.

FERRO, J. R.; TORKOMIANM, Ana Lúcia. A criação de pequenas empresas de alta tecnologia. **Revista de Administração de Empresas**, 28 (2), p. 43-50, abr./jun. 1988.

FURUKAWA, Patrícia de Oliveira; CUNHA, Isabel Cristina Kowal Olm. Da gestão por competências às competências gerenciais do enfermeiro. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 63, n. 6, p. 1061-1066, Dec. 2010. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000600030&lng=en&nrm=iso. Access on 23 Feb. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000600030>.

FUSZARD, B. Innovative teaching strategies in nursing. Rockville: Aspen Publishers; 1989.

GLESNE, C. **Becoming qualitative researchers: An introduction**. 5th Edition. London: Pearson; 2015.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). Empreendedorismo no Brasil 2018 \ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco... [et al] -- Curitiba: IBQP, 2019.. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Livro%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%20-%20web%20compactado.pdf>. Acesso em: 25 set 2022.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo 2020. Curitiba: IBQP, 2020. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Relatório%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf>.

HASHIMOTO, Marcos. **Espírito empreendedor nas organizações: aumentando a competitividade através do intraempreendedorismo**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

HERMANN, Ana Paula et al. AUTONOMIA PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO: REVISÃO INTEGRATIVA. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 16, n. 3, sep. 2011. ISSN 2176-9133. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/24227/16242>>. Acesso em: 23 feb. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v16i3.24227>.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

İSPIR, O; ELIBOLB, E; SÖNMEZA, B. The relationship of personality traits and entrepreneurship tendencies with career adaptability of nursing students. **Nurse Education Today**. 2019; 79: 41-7. doi: <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2019.05.017>

ITO, ELAINE EMI et al . O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x realidade. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 570 575, Dec. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342006000400017&lng=en&nrm=iso>. Access on 23 Feb. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342006000400017>.

JAHANI. S.; BABAZADEH, M.; HAGHIGHI, S.; CHERAGHIAN, B. The effect of entrepreneurship education on self-efficacy beliefs and entrepreneurial intention of nurses. **J Clin Diagn Res**. 2018;12(6):18-21.

KIRKMAN, A.; WILKINSON, J.; SCAHILL, S. Thinking about health care differently: nurse practitioners in primary health care as social entrepreneurs. **Journal of Primary Health Care**. 2018. 10. 331.10.1071/HC18053.

KIRKMAN, A.; WILKINSON, J.; SCAHILL, S. Thinking about health care differently: nurse practitioners in primary health care as social entrepreneurs. **Journal of Primary Health Care**. 2018; 10, 331-337. doi: <https://doi.org/10.1071/HC18053>

KLÜBER, T. E. Atlas/t.i como instrumento de análise em pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 5–23, 2014. DOI: 10.20396/etd.v16i1.1326. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1326>. Acesso em: 24 fev. 2021.

LE BOTERF, Guy. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LE BOTERF, Guy. Avaliar a competência de um profissional: três dimensões a explorar. **Pessoal**, Lisboa, jun 2006. Disponível em: <http://www.guyleboterf-conseil.com/Article%20evaluation%20version%20directe%20Pessoal.pdf>. Acesso em: 01 set 2021.

LE BOTERF, Guy. Le Boterf Conseil. Disponível em: <http://www.guyleboterf-conseil.com/portugal/experiencia.htm>. Acesso em: 01 set 2021.

LEITE, Emanuel. **O fenômeno do empreendedorismo**. São Paulo: Saraiva, 2012.

LIGTHELM, A. Survival Analysis of Small Informal Businesses in South Africa, 2007–2010. **Eurasian Bus Rev** 1, 160–179 (2011). <https://doi.org/10.14208/BF03353804>

MARITZ, P.A.; BROWN, C. Illuminating the black box of entrepreneurship education programs. **Education + Training**, 2(3), 234-252; 2013.

MCCLELLAND, David. *The achieving society*. New York: D. Van Nostrand Company, 1961. p. 65.

MELO, Natália Máximo e. **SEBRAE e Empreendedorismo: origem e desenvolvimento**. 2008. 156 folhas. Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; 2000.

MOJICA, M.; GEBREMEDHIN, T.; SCHAEFFER, P. A COUNTY-LEVEL ASSESSMENT OF ENTREPRENEURSHIP AND ECONOMIC DEVELOPMENT IN APPALACHIA USING SIMULTANEOUS EQUATIONS. **Journal of Developmental Entrepreneurship (JDE)**. 2010, 15. 3-18. 10.1142/S1084946710001452.

MORAIS, J. A.; HADDAD, M. C. L.; ROSSANEIS, M. A.; SILVA, L. G. C. Práticas de

Enfermagem Empreendedoras e Autônomas. **Cogitare Enferm.** 2013 Out/Dez; 18(4):695-701.

MORAIS, Heloisa Maria Mendonça de *et al.* Organizações Sociais da Saúde: uma expressão fenomênica da privatização da saúde no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 2018, v. 34, n. 1 [Acessado 23 Abril 2022] , e00194916. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00194916>>. Epub 05 Fev 2018. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00194916>.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8ª ed. São Paulo: Cortez; 2003.

NASSIF, V. M. J.; PRANDO, R. A.; CONSENTINO, H. M. Ações estatais assistencialistas e empreendedorismo social sustentável no Brasil: um estudo exploratório. **Gestão & Planejamento**, Salvador, v. 11, n. 2, p. 316-336, jul./dez. 2010.

PACHECO, D.; DEAN, T.; PAYNE, D. Escaping the Green Prison: Entrepreneurship and the Creation of Opportunities for Sustainable Development. **Journal of Business Venturing**. 2010, 25. 464-480. 10.1016/j.jbusvent.2009.07.006.

PARREIRA, P.; PEREIRA, F.; ARREGUY-SENA, C.; SALGUEIRO, A.; GOMES, A.; MARQUES, S.; MELO, R.; OLIVEIRA, D.; FONSECA, C.; CARVALHO, C.; MÓNICO, L. Representações sociais do empreendedorismo: o papel da formação na aquisição de competências empreendedoras. **RIASE - REVISTA IBERO-AMERICANA DE SAÚDE E ENVELHECIMENTO**. 2015, 1. 266-285. 10.24902/r.riase.2015.1(3).266.

PAULINO V. C. P.; SILVA, L. A.; PRADO, M. A.; BARBOSA, M. A.; PORTO, C. C. Formação e saberes para a docência nos cursos de Graduação em Enfermagem. **J Health NPEPS** [Internet]. 2017;2(1):272-84.

PITTAWAY, L.; THORPE, R. A framework for entrepreneurial learning: A tribute to Jason Cope. **Entrepreneurship and Regional Development**, 24, 2012, 837–859.10.1080/08985626.2012.694268

POLAKIEWICZ, R. R. Potencialidades e vulnerabilidades do enfermeiro empreendedor: uma revisão integrativa. **Biológicas & Saúde**, 3(11). 2013. <https://doi.org/10.25242/8868311201314>

RIVA, E. D. *Innovación: el último clavo ardiendo*. Santiago de Compostela: Tórculo Edicións, S.L. 2006.

RUIZ, Fernando Martinson. **Empreendedorismo**. São Paulo: Editora Senac, 2019.

SAES, D.X.; PITA, F.H.S. Empreendedorismo no ensino superior: uma abordagem teórica. *Maringá Management: Revista de Ciências Empresariais*, 4(2), 33-41; 2007.

SALES, O.P.; CRUVINEL, D.F.; SILVA, D.P.; SANTOS, L.L. O ensino do empreendedorismo no Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Paulista (UNIP), Goiânia – Goiás. **Rev Inst Ciênc Saúde**. 2008;26(2):167-72. Acesso em 23 abr

2022. Disponível em: https://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/2020/12/V26_N2_2008_p167-172.pdf.

SALVIATI, M. E. Manual do aplicativo Iramuteq. Planaltina; 2017. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>. Acesso em: 03 mar 2022.

SANTOS E.F.; SANTOS E.B.; SANTANA G.O.; ASSIS M.F.; MENESES R.O. **Legislação em Enfermagem**. Sao Paulo (SP): Atheneu; 2006.

SILVA, J. F. da; PATRUS, R. The “ABC” of Entrepreneurship Education: A Literature Review about Methods and Practices of Entrepreneurial Education. **Iberoamerican Journal of Entrepreneurship and Small Business**, São Paulo, SP, v. 6, n. 2, p. 372–401, 2017. DOI: 10.14211/regepe.v6i2.563. Disponível em: <https://www.regepe.org.br/regepe/article/view/563>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SILVA, L.; RUSSO, R. Aplicação de entrevistas em pesquisa qualitativa. **Revista de Gestão e Projetos**, 2019;10(1), 1-6. doi: <https://doi.org/10.5585/gep.v10i1.13285>

SILVA, Maria Josefina; SOUSA, Eliane Miranda de; FREITAS, Cibelly Lima. Formação em enfermagem: interface entre as diretrizes curriculares e os conteúdos de atenção básica. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 64, n. 2, p. 315-321, Apr. 2011. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000200015&lng=en&nrm=iso. Access on 23 Feb. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672011000200015>.

SIRELKHATIM, F.; GANGI, Y. Entrepreneurship education: A systematic literature review of curricula contents and teaching methods. **Cogent Business & Management**. 2015, 2. 1052034. 10.1080/23311975.2015.1052034.

SOLOMON, G. An examination of entrepreneurship education in the United States. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, 2007. 14(2), 168 – 182

SOUZA, Roosiley dos Santos; SILVEIRA, Amelia; CARMO, Hermani Magalhães Olivense do. **Educação para o empreendedorismo: estudo em universidades federais de Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <http://www.egepe.org.br/2016/artigos-egepe/324.pdf> Acesso em 01 Fev. 2021.

SUNDIN, E.; TILLMAR, M. A nurse and a civil servant changing institutions: entrepreneurial processes in different public sector organizations. **Scand J Manag.** 2008;24(2):113–24. Available from: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0956522108000298>

TERRIM, S.; MELO, A. A. R.; JÁCOMO, A. L. **Empreendedorismo em saúde: relato de um modelo de Empresa Júnior em Medicina / Health entrepreneurship: a report of Junior Enterprise model in Medicine**. 2015 abr.-jun.;94(2):94-8.

TROTTE, L. A. C.; SANTOS, J. L. G. dos .; SARAT, C. F. N.; MESQUITA, M. G. da R.; STIPP, M. A. C. .; SOUZA, P. de; DUARTE, Q. G. de M. .; GOBATO, B. de C.; LIMA, C. F. da M. Tendência empreendedora de estudantes de enfermagem: comparação entre alunos

de graduação iniciantes e concluintes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S. l.], v. 29, p. e3402, 2021. DOI: 10.1590/1518-8345.4397.3402. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/184934>. Acesso em: 21 set. 2022.

TOSSIN, C. B.; SILVA, L. G. C.; ROSSANEIS, M. A.; HADDAD, M. C. F. L. Perfil empreendedor de docentes do curso de enfermagem de uma universidade pública. *Revista Enfermagem UERJ*, [S.l.], v. 25, p. e22233, abr. 2017. ISSN 0104-3552. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/22233>. Acesso em: 14 abr. 2020.

UYS, L.R. The perceptions of KwaZulu-Natal nursing students about the discipline. *Curationis*. 2000 Mar;23(1):79-86. doi: 10.4102/curationis.v23i1.614. PMID: 11140034.

VALE, Eucléa Gomes; GUEDES, Maria Vilani Cavalcante. Competências e habilidades no ensino de administração em enfermagem à luz das diretrizes curriculares nacionais. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 57, n. 4, p. 475-478, Aug. 2004. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000400018&lng=en&nrm=iso. Access on 23 Feb. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672004000400018>.

VIEIRA, M. A; SOUTO, L. E. S; SOUZA, S. M; LIMA, C. A; OHARA, C. V. S; DOMENICO, E. B. L. Diretrizes Curriculares Nacionais para a área de enfermagem: o papel das competências na formação do enfermeiro. *Revista Norte Mineira de Enfermagem*, v. 5, n. 1, p. 105-121, 2016. Disponível em: <http://www.renome.unimontes.br/index.php/renome/article/view/102/148>. Acesso em: 13 jun. 2022.

VILLARINHO, Paula Rocha Louzada. Características e Habilidades dos enfermeiros empreendedores adquiridas por meio do aprendizado na formação e na prática profissional. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola Anna Nery, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, 2016.

WALL S. Nursing entrepreneurship: motivators, strategies and possibilities for professional advancement and health system change. **Nurs Leadersh** (Tor Ont). 2013;26(2):29-40. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23809640>

WALL, S. Self-employed nurses as change agents in healthcare: strategies, consequences, and possibilities. **J Health Organ Manag**. 2014;28(4):511-31. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25241597>

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



GABINETE DO REITOR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de iniciação científica intitulada “ENFERMEIROS EMPREENDEDORES DE NEGÓCIOS NO BRASIL: MERCADO DE TRABALHO E FORMAÇÃO, que aplicará questionários, tendo como objetivo geral investigar o empreendedorismo de negócios em Enfermagem no mercado de trabalho e na formação profissional. Como objetivos específicos, a pesquisa busca: 1. Identificar a tendência empreendedora de enfermeiros e estudantes de Enfermagem; 2. Identificar o perfil sociodemográfico e sociolaboral de enfermeiros empreendedores de negócios no Brasil; 3. Identificar as áreas de atuação e prática profissional de enfermeiros empreendedores de negócios no Brasil; 4. Analisar as relações entre características pessoais, aspectos socioeconômicos, condições de trabalho e tendência empreendedora dos enfermeiros empreendedores de negócios no Brasil; 5. Analisar a percepção de enfermeiros empreendedores sobre as competências e habilidades requeridas para empreender em negócios; 6. Caracterizar os negócios criados por enfermeiros e; 7. Desenvolver atividades promotoras de competências empreendedoras para enfermeiros e estudantes em regiões do Brasil. Serão previamente marcadas a data para as aplicações dos questionários. A coleta de dados acontecerá via e-mail ou pelas redes sociais (Whatsapp, Instagram ou Facebook) e pela plataforma SurveyMonkey.

O(a) Senhor(a) não terá despesas e nem será remunerado pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de danos, decorrentes da pesquisa será garantida a indenização.

A sua identidade será preservada pois cada indivíduo será identificado por um número.

Os riscos dos procedimentos da pesquisa serão mínimos. Pode ocorrer constrangimento em informar algumas variáveis como renda, presença de segundo vínculo, características de

negócio. Será permitido que o participante pule questões que não queira informar ou que entenda que poderão gerar algum desconforto.

A respeito dos benefícios e vantagens em participar deste estudo, com a regulamentação dos consultórios e clínicas de Enfermagem observa-se aumento de enfermeiros empreendedores. É pertinente conhecer suas características, os negócios propostos e sua trajetória de desenvolvimento, com vistas a regulamentação, suporte a prática profissional e desenvolvimento de formação promotora de competências empreendedoras.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores: Prof^ª Dra^a Jouhanna Menegaz, Prof^a Dr^a Letícia Trindade, Prof^o Dr^o William Meschial, Prof^o Dr^o José Santos, Prof^o Dr^o Alisson Bolina, Prof^o Dr^o Gímerson Ferreira, Prof^ª Dr^a Simone Amestoy, Prof^a Dr^a Glenda Ferreira, Mestranda Emily Pontes e Mestranda Thayza Amaral.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Dra. Jouhanna do Carmo Menegaz

NÚMERO DO TELEFONE: (49) 991010476

ENDEREÇO: Avenida Madre Benvenuta, 2007, Cep 88035-901, Itacorubi, Florianópolis - SC.

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF -
70719-040

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso

Assinatura _____ Local: _____

Data: ____/____/____

APÊNDICE B – Questionário da Entrevista Estruturada

- 1 – Por que você escolheu a Enfermagem?
- 2 – Antes de empreender, você atuava em que?
- 3 – O que te motivou a empreender?
- 4 – Durante sua trajetória empreendedora, qual foi o momento de grande êxito e qual a fase mais difícil da carreira?
- 5 – O que é competência para você?
- 6 – Em relação as competências para empreender na Enfermagem, quais foram as fundamentais para você?
- 7 – E quais dessas competências que você comentou são essenciais para consolidar um negócio?
- 8 – Se elegêssemos as competências mais importantes para empreender na Enfermagem, de todas as que você mencionou, quais escolheria?
- 9 – Na sua opinião, como essas competências poderiam ser fomentadas na graduação?
- 10 – O que é empreender na Enfermagem para você?
- 11 – Para finalizar, você conhece algum outro enfermeiro empreendedor que empreende há três anos e seis meses ou mais?

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Enfermeiros empreendedores de negócios no Brasil: mercado de trabalho e formação

Pesquisador: Joughanna do Carmo Menegaz

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 38266720.1.0000.0118

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

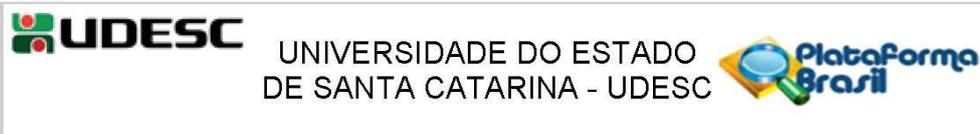
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.406.286

Apresentação do Projeto:

Este estudo tem como pesquisadora responsável Joughanna do Carmo Menegaz, assistente Thayza Mirela Oliveira Amaral, e participação na equipe de pesquisadores de Fabiane Pertille, Gímerson Erick Ferreira, Simone Coelho Amestoy, Alisson Fernandes Bolina, Emily Silva Pontes, William Campo Meschial, José Luís Guedes dos Santos, Letícia de Lima Trindade e Glenda Roberta Oliveira Naiff Ferreira. Foi delineado metodologicamente como um estudo de métodos mistos multifásico, sequencial exploratório, no qual a Fase 1 caracteriza-se como estudo correlacional, a Fase 2 como estudo Delphi em quatro rodadas, a Fase 3 como uma pesquisa ação. O número de indivíduos abordados pessoalmente, recrutados, ou que sofrerão algum tipo de intervenção neste centro de pesquisa será de 5000 participantes para a coleta de dados, sendo que na Fase 1 serão 4.500 indivíduos que receberão questionários, na Fase 2 serão 200 indivíduos que também receberão questionários e na Fase 3 serão 300 indivíduos que participarão em oficinas e atividades relacionadas. Serão incluídos no estudo enfermeiros e estudantes de Enfermagem do Brasil, por meio de critérios estabelecidos conforme a da fase e objetivo relacionado, por amostra de conveniência. Na fase 1, os participantes formados deverão possuir diploma de enfermeiro e os estudantes estar regularmente matriculado em curso de graduação em Enfermagem. Na parte 2 da fase 1, os profissionais deverão estar empreendendo ou ter empreendido de forma autônoma, sendo que para caracterizar os negócios criados por enfermeiros, os participantes terão que ter respondido questionário relacionado sobre a percepção de enfermeiros empreendedores sobre as

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007
Bairro: Itacorubi **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** cepsh.reitoria@udesc.br



Continuação do Parecer: 4.406.286

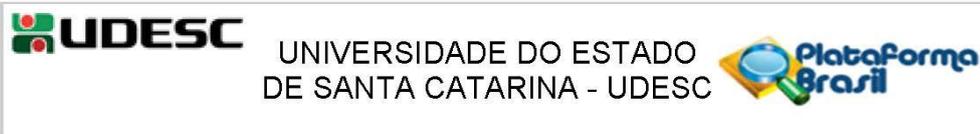
competências e habilidades requeridas para empreender em negócios e ter como fonte de renda principal a atividade empreendedora. Na fase 3, serão adotados os mesmos critérios de inclusão da Fase 1. Além, disto na fase 1, serão excluídos os enfermeiros que não tenham registro no Conselho de Enfermagem e os estudantes que estiverem em trancamento de qualquer natureza. Na fase 2, serão excluídos os enfermeiros em atuação empreendedora não relacionada ao trabalho de enfermagem e afastados da atividade empreendedora por qualquer motivo, como licença gestação, atestado médico, entre outros. Na fase 3 os critérios de exclusão serão os mesmos da Fase 1. As atividades serão desenvolvidas com base nos resultados das fases anteriores. O estudo possui financiamento próprio indicando um gasto total de R\$ 20.576,00. O início da coleta de dados estava previsto para ocorrer em 01/11/2020 31/03/2021 e o encerramento para 30/12/2022. O estudo tem como propósito principal como vinculado à grande área das Ciências da Saúde (Área 4), com Propósito Principal do Estudo (OMS) como Outros, sendo caracterizado como não internacional, sem dispensa do TCLE, sem retenção de amostras para armazenamento em banco, sem uso de fontes secundárias de dados, não multicêntrico, e sem solicitação de sigilo da íntegra do projeto.

Objetivo da Pesquisa:

O estudo tem como hipótese que Enfermeiros empreendedores de negócios possuem maior pontuação no Teste de Tendência Empreendedora Geral do que enfermeiros não empreendedores. A pesquisadora principal alega que o empreendedorismo de negócios aumentou após a regulamentação dos consultórios e clínicas de Enfermagem. Enfermeiros empreendedores de negócios cuja maior renda provém do empreendimento, dedicam-se somente a empreender, e que os negócios de enfermagem se relacionam com as especialidades dos enfermeiros empreendedores, além de que os enfermeiros não reconhecem que a formação profissional os preparou para empreender e buscaram conhecimentos específicos fora da graduação.

Para tanto tem como objetivo primário investigar o empreendedorismo de negócios em Enfermagem no mercado de trabalho e na formação profissional. Além disto, tem como objetivo secundário: 1 - Identificar a tendência empreendedora de enfermeiros e estudantes de Enfermagem; 2 - Identificar o perfil sociodemográfico e sociolaboral de enfermeiros empreendedores de negócios no Brasil; 3 - Identificar as áreas de atuação e prática profissional de enfermeiros empreendedores de negócios no Brasil; 4 - Analisar as relações entre características pessoais, aspectos socioeconômicos, condições de trabalho e tendência empreendedora dos enfermeiros empreendedores de negócios no Brasil; 5 - Analisar a percepção de enfermeiros empreendedores sobre as competências e habilidades requeridas para empreender em negócios; 6

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007
Bairro: Itacorubi **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** cepsh.reitoria@udesc.br



Continuação do Parecer: 4.406.286

- Caracterizar os negócios criados por enfermeiros; 7 - Desenvolver atividades promotoras de competências empreendedoras para enfermeiros e estudantes em regiões do Brasil.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora responsável informa que os riscos da pesquisa são serão mínimos, pois pode ocorrer constrangimento em informar algumas variáveis como renda, presença de segundo vínculo, características de negócio. Será permitido que o participante pule questões que não queira informar ou que entenda que poderão gerar algum desconforto.

A pesquisadora responsável informa ainda que os benefícios estão relacionados com o fato de que a regulamentação dos consultórios e clínicas de Enfermagem provocou aumento de enfermeiros empreendedores e assim considera que pertinente conhecer suas características, os negócios propostos e sua trajetória de desenvolvimento, com vistas a regulamentação, suporte a prática profissional e desenvolvimento de formação promotora de competências empreendedoras.

Com base nas informações analisadas entende-se que os riscos para os participantes, apesar de o pesquisador responsável ter sido bastante conservadora na classificação de risco, podem ser considerados aceitáveis pela sua relevância científica da pesquisa e principalmente pela possibilidade de produzir conhecimento a partir de uma grande amostra sobre uma importante variável social, o trabalho e suas formas de renda, entre outros, que impactam significativamente na vida dos profissionais de saúde no Brasil. Com base nas análises realizadas, considera-se que os riscos são adequados e estão classificados de acordo com as exigências da Resolução 466/2012/CONEP/CNS/MS, bem como os benefícios potenciais estão, salvo melhor juízo, adequados.

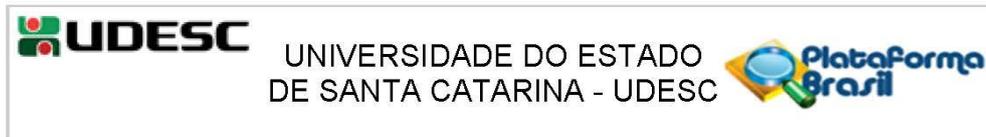
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As informações da pesquisa estão suficientemente apresentadas e demonstram grande relevância para uma importante profissão da saúde e suas formas trabalho e renda. Além disto, as informações permitem as análises éticas necessárias, pois demonstram com clareza e suporte teórico-metodológico os procedimentos a serem realizados, os quais podem ser considerados de pequeno impacto aos participantes e mesmo considerando os riscos assumidos pela pesquisadora principal. Além disto, o estudo demonstra grande coerência científica que permite avaliar a relação dos procedimentos a serem adotados com as questões éticas vigente no Brasil.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão anexados ao protocolo desta submissão os seguintes documentos:

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007	CEP: 88.035-001
Bairro: Itacorubi	
UF: SC	Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084	Fax: (48)3664-8084 E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br



Continuação do Parecer: 4.406.286

- 1) Informações Básicas do Projeto:
PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1612375.pdf, de 21/09/2020
- 2) Outros:
Questionario_Primeira_Rodada.pdf, de 20/09/2020
- 3) Outros: Questionario_Fase_1.pdf, de 20/09/2020
Outros: Investigacao_Enfermeiros_Empreendedores.pdf, de 20/09/2020
- 4) TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência:
TCLE.pdf, de 20/09/2020
- 5) Projeto Detalhado / Brochura Investigador:
Projeto_Empreendedorismo_19_09_2020.pdf, de 19/09/2020
- 6) Declaração de concordância:
Declaracoes_IES.pdf, de 19/09/2020
- 7) Folha de Rosto:
ASSfolhaderosto.pdf, de 13/08/2020
- 8) Projeto Detalhado / Brochura Investigador:
PROTOCOLODEPESQUISA.pdf, de 13/08/2020

Deste modo, com base nestes documentos apresentados pode-se considerar que:

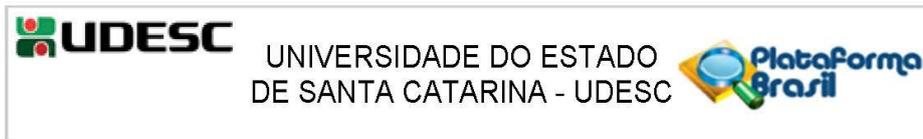
O projeto básico, apresenta as principais informações necessárias que permite considera-lo adequado às exigências da Resolução 466/2012/CONEP/CNS/MS, pois apesar da data da coleta inicial dos dados estar definida para o início do mês de novembro, ou seja, anterior a sua análise e conclusão neste CEPESH, entende-se que ao submeter em data anterior e assumir que não realizaria qualquer procedimento antes de sua avaliação final, como exigido no processo de submissão na Plataforma Brasil, a pesquisadora final continua aguardando tal avaliação para iniciar esta coleta.

Os instrumentos estão presentes e não apontam potenciais riscos adicionais para além daqueles já previstos.

O TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido se encontra no modelo exigido pelo CEPESH/UDESC, e apresenta adequado às exigências da Resolução 466/2012/CONEP/CNS/MS,.

As DCCIE estão presentes, datadas e assinadas pela pesquisadora e pelas representantes da

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007	CEP: 88.035-001
Bairro: Itacorubi	Município: FLORIANOPOLIS
UF: SC	E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br
Telefone: (48)3664-8084	Fax: (48)3664-8084



Continuação do Parecer: 4.406.266

demais instituições participantes, mas não pelo responsável pela instituição de origem.

A Folha de Rosto está preenchida, datada e assinada adequadamente no campo referente ao representante institucional e à pesquisadora responsável.

O projeto detalhado é econômico mas apresenta as informações essenciais de forma muito bem cuidada que permite considerá-lo adequado às exigências da Resolução 466/2012/CONEP/CNS/MS.

Recomendações:

Sem recomendações até a presente análise.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Consideramos o protocolo aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado APROVA o Protocolo de Pesquisa e informa que, qualquer alteração necessária ao planejamento e desenvolvimento do Protocolo Aprovado ou cronograma final, seja comunicada ao CEP via Plataforma Brasil na forma de EMENDA, para análise sendo que para a execução deverá ser aguardada aprovação final do CEP. A ocorrência de situações adversas durante a execução da pesquisa deverá ser comunicada imediatamente ao CEP via Plataforma Brasil, na forma de NOTIFICAÇÃO. Em não havendo alterações ao Protocolo Aprovado e/ou situações adversas durante a execução, deverá ser encaminhado RELATÓRIO FINAL ao CEP via Plataforma Brasil até 60 dias da data final definida no cronograma, para análise e aprovação. Lembramos ainda, que o participante da pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, bem como o pesquisador responsável, deverão rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1612375.pdf	21/09/2020 10:30:39		Aceito
Outros	Questionario_Primeira_Rodada.pdf	20/09/2020	Jouhanna do Carmo	Aceito

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007
 Bairro: Itacorubi CEP: 88.035-001
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
 Telefone: (48)3664-8084 Fax: (48)3664-8084 E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br



Continuação do Parecer: 4.406.266

Outros	Questionario_Primeira_Rodada.pdf	12:43:33	Menegaz	Aceito
Outros	Questionario_Fase_1.pdf	20/09/2020 12:42:38	Jouhanna do Carmo Menegaz	Aceito
Outros	Investigacao_Enfermeiros_Empreendedores.pdf	20/09/2020 12:41:01	Jouhanna do Carmo Menegaz	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	20/09/2020 12:34:40	Jouhanna do Carmo Menegaz	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Empreendedorismo_19_09_2020.pdf	19/09/2020 13:30:18	Jouhanna do Carmo Menegaz	Aceito
Declaração de concordância	Declaracoes_IES.pdf	19/09/2020 13:28:57	Jouhanna do Carmo Menegaz	Aceito
Folha de Rosto	ASSfolhaderosto.pdf	13/08/2020 15:47:44	Jouhanna do Carmo Menegaz	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROTOCOLODEPESQUISA.pdf	13/08/2020 15:04:41	Jouhanna do Carmo Menegaz	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 18 de Novembro de 2020

Assinado por:
Gesilani Júlia da Silva Honório
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007
Bairro: Itacorubi CEP: 88.035-001
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 Fax: (48)3664-8084 E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br